

IDELFONSO MAIA CUNHA - MAINHA

O sonho do sertão cearense preso pelas amarras de um destino



Mainha carrega o estigma dos atos que cometeu. Não os nega, assume. Mas além desse horizonte entre grades, existe o típico homem nordestino.

“Hoje é Dia de Festa
É dia de Vaquejada
Tem muito vaqueiro valente
E muita mulher danada!
Mas aqui já tem um Rei
E não me venha com ladainha
O rei dessa grande festa
É o famoso vaqueiro Mainha!”

O grito do locutor de vaquejada poderia dizer um pouco da vida de Idelfonso Maia Cunha, se o destino deste homem não tivesse tomado um rumo tão diferente do destino do vaqueiro que ele foi um dia. Jovem, chegou a ganhar até carro derrubando boi. Hoje, a recordação daquele tempo traz um brilho que teima em surgir nos olhos. As vaquejadas ficaram perdidas num passado distante que dói na lembrança.

O homem rude, sofrido, nordestino, nascido há 43 anos no município de Alto Santo, no Vale do Jaguaribe, desde cedo descobriu o valor do trabalho.

A vida o amadureceu antes do tempo, nunca foi menino, mas tinha sonhos pueris. Sonhava fazer fama como vaqueiro, ganhar moça bonita em rodeio, arrebatar troféus... Mas ainda criança conheceu a violência que iria mudar os rumos da sua história, fazê-lo perder-se da montaria do destino que havia traçado para si.

O menino Mainha, como era chamado pelos seus familiares e amigos, nem era nascido quando o seu pai foi golpeado com facadas por causa de conflitos de terra. Aos seis meses, em outro atentado, o pai, levou seis tiros, enquanto dormia. O pai sobreviveu, mas as armas passaram a ser uma presença comum na vida dos dez filhos. A tensão à espera de novos conflitos passou a fazer parte do dia-a-dia da família.

A presença silenciosa da morte rondava a vida do menino. Aos 20 anos, outro golpe, da irmã mais velha, Irene, assassinada, a irmã de quem ele mais gostava. As feridas na alma enrijeceram o coração. Se um dia chorou pelas tristezas em sua vida, feito homem, Mainha aprendeu também a fazer chorar.

Ficou famoso, mas não foi assim que o menino sonhou. Idelfonso Maia Cunha se transformou em Mainha num bar do sertão do Ceará. “Houve um tiroteio muito grande” e “virou o outro lado da vida”. Mainha virou notícia, virou lenda. A sua fama percorreu o Nordeste, despertando medo e admiração. A imagem de anjo-demônio vingador o fez temido e perseguido.

Enclausurado há onze anos, ora temido, ora admirado, Mainha virou tema de cordel. O menino que quis ser vaqueiro recebeu alcunhas indesejáveis. Mas Mainha quer ser apenas um homem comum. Livre, quer ir embora do Ceará e levar a família. Quer deixar o passado para trás, ir para um lugar que a fama não o acompanhe, que os fantasmas do passado não o achem, quer fugir de seu próprio fantasma. Encontrar em que parte o sonho se perdeu, tentar reconstruir o que restou, conformar-se com o que se foi.

Se Mainha foi vítima ou algoz do destino, esta entrevista não tem a intenção de julgar. O nosso único objetivo foi dar voz ao Idelfonso Maia Cunha, o Mainha. Deixamos que ele contasse a sua história. O homem que apesar de sua aparência destemida, afirma que tem medo de apanhar, o Mainha que tem orgulho do filho, que admite que deve a Deus pelos crimes que cometeu, que há mais de dez anos não chora... Não queremos condená-lo pelos seus crimes, porque a justiça assim já o fez; nem tornar suas mortes atos de bravura. Apenas queremos que o homem por trás do mito se mostre, revele a verdade refletida no espelho de sua alma.

Entrevista com
Idelfonso Maia
Cunha,
Mainha,
dia 20/05/99.

Produção, redação,
edição e texto final:
Amarílis Lage, Patrícia
Sales e Viviane Lima.

Texto de abertura:
Viviane Lima.

Participação:

Amarílis Lage, Arthur
Ferraz, Galciani Neves,
Gustavo Melo, Patrícia
Sales, Ricardo Castro,
Ricardo Sabóia e
Viviane Lima.

Foto: Carolina Soares.



Quando o nome de Mainha foi sugerido como um dos personagens desta Entrevista, gerou polêmica. Afinal, ele não é um olimpiano convencional. As críticas não nos fizeram desistir.

Viviane - *Seu Maia, o que o senhor sente após esse julgamento no último dia 12 de maio no qual foi absolvido por cinco votos a dois pela chacina de Alto Santo?* (Ocorrida em 16 de abril de 1983, na qual morreram quatro pessoas: o ex-prefeito do município de Pereiro, localizado à 346 km de Fortaleza, João Terceiro de Sousa; sua esposa, Raimunda Nilda Campos, professora; João Odeon de Araújo, soldado da polícia; e o motorista Francisco de Assis Aquino.)

Seu Maia - Senti um alívio muito grande, tirou um peso das minhas costas (*de um crime*) que eu não cometi. Condenado a 64 anos por uma coisa que eu não cometi, então esse era um peso muito grande nas minhas costas.

Viviane - *A gente quer retomar esse assunto só numa segunda parte da entrevista. Neste primeiro momento, a gente quer saber um pouco da história de vida do senhor, o seu depoimento sobre a sua história como criança. Eu quero saber o seguinte: o senhor é o terceiro mais novo de uma família com dez filhos, né?*

Seu Maia - O oitavo filho eu sou.

Viviane - *O que marcou mais na infância do senhor? O que foi mais marcante que vem à mente?*

Seu Maia - O que marcou foi um cara mandar matar meu pai (*Cândido Maia Cunha*) e ir fazer pouco lá por lado da minha casa, da gente.

Galciani - *A primeira vez que o seu pai sofreu um atentado foi quando o senhor tinha seis meses?*

Seu Maia - Não, eu não era nascido na primeira vez. A segunda vez é que eu tinha seis meses. Nós saímos da região lá e fomos para outra e ele vinha com seis léguas a cavalo e vinha beber cachaça lá em casa. Fazer pouco com o povo lá de casa, sabe? (*A família dele mudou-se do município de Alto Santo, a 247 km de Fortaleza, para Limoeiro do Norte, a 203 km da capital, ambos na região do Vale do Jaguaribe. Morou também, durante algum tempo, em Pernambuco.*)

Galciani - *Mas o senhor sabe por que esse homem perseguia seu pai?*

Seu Maia - Pra tomar nossas terras.

Galciani - *O senhor sabe quem é ou se já morreu?*

Seu Maia - Já morreu.

Galciani - *O senhor disse que esse é o fato mais marcante, mas a*

gente vê que é o fato mais triste que aconteceu na sua infância. Mas e as alegrias, as brincadeiras?

Seu Maia - Ainda tive muita alegria, graças a Deus.

Patrícia - *Qual o irmão que o senhor tinha mais contato? Qual o senhor gostava mais?*

Seu Maia - Todos. Mas o que eu mais gostava era a que mataram.

Patrícia - *A Irene.*

Seu Maia - Irene... Maria Irene. (*com jeito saudosos*)

Amarílis - *Quando ela morreu o senhor tinha quantos anos?*

Seu Maia - Tinha 20.

Arthur - *Como foi o assassinato dela? Qual foi a motivação?*

Seu Maia - Foi um genro que matou ela. (*pausa*) Cachaça mesmo, embriaguez, numa festa nas propriedades do esposo dela. Lá, ela chamou

"Lá em casa a gente era criado com respeito, sabe? Visse um mais velho, ia tomar a benção. Nós era pequeno, mas era criado na educação, coisa que hoje não existe mais."

ele de irresponsável, porque ele tava só fazendo bagunça. Aí ele foi, deu um tiro nela e matou.

Ricardo Sabóia - *Seu Maia, depois do atentado (ao pai dele), logo aos seis meses, a gente apurou que todo mundo passou a se proteger muito na casa do senhor.*

Seu Maia - Foi.

Ricardo Sabóia - *E como foi crescer já tendo esse contato com as armas desde criança?*

Seu Maia - Normalmente.

Ricardo Sabóia - *Por que não é uma coisa muito comum, né?*

Seu Maia - Não é hoje, mas de primeiro, no sertão toda casa tinha muita arma.

Galciani - *E essa freqüente precaução para que, se acontecesse alguma coisa todas as crianças estarem armadas, crescerem com esse medo de acontecer alguma coisa com o pai de vocês ou com vocês...*

Seu Maia - Perfeitamente. A gente se preparava, né? Porque já ti-

nha acontecido a segunda vez, dentro de casa, o meu pai dormindo. A gente tinha medo que de outra vez viesse mais.

Amarílis - *Mas nesse episódio, o senhor tinha apenas seis meses. O senhor se lembra ou soube pelo comentário dos seus irmãos?*

Seu Maia - Porque ele vinha beber cachaça em frente lá de casa e o meu pai comentava, minhas irmãs comentavam - que eu já tinha outras irmãs mais velhas - pra gente não tomar benção a ele. Porque esse elemento era casado com uma tia minha, tá entendendo? Então, aconteceu esse episódio.

Patrícia - *E seu Maia, como que era o seu relacionamento com os seus pais?*

Seu Maia - Muito bem.

Patrícia - *Como seus pais tratavam os filhos?*

Seu Maia - Muito bem. Todos com educação. Uns são formados e quem não terminou, não conseguiu, foi porque não quis. Meus pais eram pobres, mas pelevavam pra dar educação a gente.

Gustavo - *Como eram os seus pais com os filhos? Quando vocês faziam alguma malcriação, eles eram muito enérgicos ou eram mais brandos?*

Seu Maia - Não, lá em casa a gente era criado com respeito, sabe? Se tivesse uma pessoa conversando, ninguém se metia na conversa, ninguém podia passar na frente de dois adultos conversando. Visse um mais velho, ia tomar a benção. Nós era pequeno, mas era criado na educação, coisa que hoje não existe mais.

Arthur - *O senhor apanhou muito quando criança?*

Seu Maia - O meu pai nunca triscou em mim, não. Agora, minha mãe (*Carmelita Diógenes Cunha*) era muito mais rigorosa porque a gente era meio danado. (*Mainha dá um sorriso maroto*) Mas meu pai, nunca bateu na gente, não.

Amarílis - *O senhor era uma criança danada?*

Seu Maia - Era meio danado. (*sorri*)

Amarílis - *Como assim?*

Seu Maia - Danado. A gente montava em jumentos brabos, essas coisas... Criado em fazenda, né? Saía de casa pra tomar banho de açude, chegava de tarde...

Amarílis - *Vocês brincavam com arma?*

Seu Maia - Não, pequeno não!

Durante a fase de levantamento de material sobre o Mainha, a equipe de produção contou com a ajuda do colega Arthur Ferraz, que já trabalha como jornalista no O Povo.

(com ênfase) A gente via as armas e tudo, mas ninguém tinha contato com arma não. Lá em casa tinha bastante arma, mas a gente não tinha contato desde pequeno, não.

Amarílis – Com quantos anos o senhor foi ter o primeiro contato com arma de fogo?

Seu Maia – Lá pra uns 13 anos. Uma espingarda, uma arma pra gente caçar, sabe? Revólver, com uns 15...

Amarílis – O que o senhor mais gostava de fazer nas horas livres?

Seu Maia – Eu não tinha hora livre porque eu nunca fui menino, sabe? Eu estudava de manhã no Liceu, de tarde eu estudava arte. Então, quando eu passei para a sala do ginásio, eu passei a trabalhar para ajudar lá em casa e me manter. Eu com dez anos me mantinha e pagava o meu colégio e tudo.

Patrícia – O senhor trabalhava com o quê?

Seu Maia – Eu pequeno, eu vendia na feira. Botava comércio na feira e vendia. Depois que cresci, em vaquejada.

Viviane – E que tipo de arte o senhor estudava?

Seu Maia – Marcenaria. Tinha todo tipo de arte no Liceu: música, tipografia e tudo. Mas eu estudava marcenaria. Eu tirei o curso de marceneiro.

Viviane – O senhor chegou a trabalhar profissionalmente como marceneiro?

Seu Maia – Não, não. A gente trabalhava dentro do Liceu. Trabalhava pra mim.

Amarílis – A gente leu numa entrevista que, justamente, porque tinha que trabalhar, com dezessete anos o senhor estava na oitava série e parou de estudar.

Seu Maia – Foi.

Amarílis – Mas queria continuar, né?

Seu Maia – É, foi por causa da morte da minha irmã.

Amarílis – E o que o senhor queria fazer? O que o senhor queria ser quando fosse adulto?

Seu Maia – Eu sempre planejei ir trabalhar pra viver. Estudar, se formar, eu nunca pensei nisso não, tá entendendo? Agora, quando mataram a minha irmã, aí os planos que eu tinha, não quis mais saber não... Eu gostava muito de comércio, toda vida eu gostei muito de comércio. Mas com a morte da minha irmã, não dava mais certo comércio pra mim não.

Amarílis – E qual foi a ligação?

Seu Maia – Porque ele (o genro) matou uma mulher com dez filhos. A

mais velha, com quem ele era casado, tinha 16 anos. (Mainha não inclui a filha mais velha entre as crianças que ficaram órfãs) A outra mais velha, 12 anos, ficou tomando conta dos outros nove filhos, de lavar roupa, de fazer queijo, de ver tudo na fazenda. Sem precisão nenhuma e mais ele dizer que tinha perdido o remorso de matar gente. Ele foi matar a pobre de uma mulher, mãe de dez filhos?! (diz indignado)

Galciani – Logo depois que ele matou a sua irmã o que aconteceu com ele?

Seu Maia – Nada. O que fizeram com minha família, nunca aconteceu nada, não. Ele saiu do Ceará, foi morar no Maranhão...

Galciani – Com medo de acontecer alguma coisa?

Seu Maia – Talvez ele pensou

“Eu não sei o que é ciúme não. Nunca soube o que é ciúme. Ciúme é doença, falta de confiança. Eu acho que aquele cara que tem ciúme, não tem confiança.”

que não ia dar em nada, né? E quando ele disse que tinha perdido o remorso de matar gente, eu disse: “Vou mostrar como ele, aqui no Ceará, não faz mais o que andava fazendo, não.” Os pais (dele) eram ricos e tudo.

Ricardo Sabóia – Seu Maia, desse período da infância e da adolescência, o senhor devia ter muitos primos, muitos amigos. O senhor destacaria alguém em especial?

Seu Maia – Tempo de criança? Não, do tempo de criança não tenho lembrança assim... (tom de lamento)

Galciani – Já que ele começou a falar da adolescência, a gente sabe que adolescente começa a namorar, começa a paquerar. Como é que foi? Como foi a sua primeira namorada? Já que o senhor falou que gostava tanto da sua irmã, devia ter facilidade também de se aproximar das meninas, não?

Seu Maia – (Mainha entende que as “meninas” são as filhas da irmã que morreu) Eu passava de mês na casa delas, depois da morte de

minha irmã. E hoje... até hoje, o meu cunhado não casou ainda. As filhas tudo é casada já, mas ele não casou, não. (Mainha agora começa a falar dos primeiros relacionamentos) Então, namoro... Isso é normal. Mas de primeiro, só podia namorar com 15, 16 anos. Hoje, com dez anos, já tem namorado. Uma menina dessa, de dez anos, se tivesse namorado ia passar o dia chorando, de primeiro. Não tinha idade.

Viviane – Qual a idade que o senhor tinha com a sua primeira namorada?

Seu Maia – Uns 15 anos.

Ricardo Sabóia – Como eram os encontros?

Seu Maia – Não, era vizinho lá em casa, né? No município de Limoeiro do Norte, as casas eram vizinhas.

Viviane – O senhor era romântico?

Seu Maia – Sempre fui.

Patrícia – E ciumento?

Seu Maia – Eu não sei o que é ciúme não. Nunca soube o que é ciúme. Ciúme é doença, falta de confiança. Eu acho que aquele cara que tem ciúme, não tem confiança. É falta de confiança. Eu acho que não é amor, não é bem... Naquilo que a gente confia, a gente não tem ciúme.

Ricardo Sabóia – E no interior é costume os pais vigiarem bem as filhas, principalmente alguns anos atrás. E como é que o senhor fazia pra despistá-los?

Seu Maia – Não! Lá em casa a gente só não saía muito à noite, sabe? Porque devido a esse problema do meu pai, ninguém saía. Mas durante o dia, a gente... (sorriso sem vergonha), vizinho lá em casa, né...?

Amarílis – E podia namorar com primo?

Seu Maia – Podia. Meu pai é primo legítimo da minha mãe. A minha mulher hoje é minha prima.

Amarílis – A Tânia? (referência à Tânia Diógenes, prima e mulher de Mainha que tem três filhos com ele)

Seu Maia – Tânia. E é bom na família!

Galciani – Seu Maia, a gente sabe também que o senhor gosta muito de vaquejada. Começou quando o senhor era adolescente?

Seu Maia – Desde criança. A gente era criado em fazenda, no meio de gado. Essas coisas já vêm de herança de família.

Patrícia – Com quantos anos o senhor aprendeu a montar?

Seu Maia – Não me lembro, não, porque desde criança a gente já



A produção fez vários contatos com o advogado de Mainha, Ronaldo Braga Teles, a fim de que ele consultasse seu cliente sobre a possibilidade da entrevista.

Mainha faz diversas ressalvas aos veículos de comunicação, por achar que seus depoimentos são distorcidos. Ele só aceitou dar essa entrevista mediante o caráter acadêmico.



A equipe de produção decidiu chamar Mainha por Seu Maia, como uma forma de demonstrar respeito pelo entrevistado. Mainha só foi usado após a autorização do mesmo.

montava. Com cinco anos, a gente já andava, já pegava gado à cavalo...

Ricardo Sabóia – Mas o senhor se lembra de quem primeiro lhe ensinou?

Seu Maia – A andar em animal?

Ricardo Sabóia – É.

Seu Maia – Não, é de nós mesmos. Ia pegar os animais, ia deixar os animais pro meu pai enviar. A gente já vinha montado, e assim ia levando.

Ricardo Castro – E o senhor chegou a competir em vaquejada?

Seu Maia – Ganhei carro em vaquejadas, já. Em 76, em Altos do Piauí (município deste Estado que faz fronteira com o Ceará), quem ganhou carro lá fui eu. E ganhei moto e vários prêmios. Eu tenho uma estante lá em casa cheia de troféu... Tinha, eu não sei se ainda tenho, porque a gente tá preso há dez anos, um cara chega e leva da família da gente. (cara triste, tom de lamento)

Arthur – Seu Maia, o senhor tá falando de 76, essa questão da va-quejada, ganhando prêmios e tudo. Ai de repente aconteceu um fato que...

Seu Maia – Tô entendendo. (muda o tom de voz)

Arthur – O senhor confessou ter assassinado três pessoas que queriam matar um amigo seu. Como foi? O senhor era menor, não era?

Seu Maia – Não. Ali eu tinha terminado o Exército com 18 anos. Não morreram três pessoas lá, morreu uma pessoa e saíram duas feridas. (Mainha se contradiz, pois na pré-entrevista ele disse: "(...) num tiroteio que me envolveram em 76 lá em São João do Jaguaribe, num bar lá. Vieram matar um colega meu, eu tava com ele lá, vieram três pistoleiros, morreram dois...") A gente tava num bar, bebendo, chegaram três pistoleiros atrás de matar um amigo meu e eu tava com ele. Só que lá no começo eu tava desarmado, mas no meio do tiroteio, eu cheguei a me armar, sabe?

Arthur – Os senhor pegou a arma de alguém?

Seu Maia – Peguei. O Joãozinho caiu (referência ao pistoleiro João Inácio, que junto com Sebastião Isídio e Antônio Jumento queriam matar Valmir Diógenes Costa, amigo de Mainha), peguei a arma. Ai no tiroteio saiu um colega nosso balçado.

Arthur – E como é que foi essa sensação? Como é que foi esse momento?

Seu Maia – Mudou a vida da

gente totalmente. Nessa hora, nesse tempo, eu não andava escondido nem nada. Ai passei a andar escondido, passei a morar em Juazeiro (do Norte, na região do Cariri, a 590 km da capital). Foi uma coisa...virou o outro lado da vida.

Galciani – Depois o senhor voltou pra casa? Falou alguma coisa com seus pais?

Seu Maia – Não, voltei pra casa, não, porque a polícia ficou me perseguindo. Ai fui morar na fazenda de amigos e depois fui morar em Juazeiro. Vim ver meus pais com dois anos.

Galciani – No dia que o senhor matou uma pessoa, o senhor conseguiu dormir direito? Ficou com medo? Sentiu arrependimento? Alguma coisa?

Seu Maia – Não. Logo ninguém dormiu de noite porque tinham ba-

leado ela à força e beijou na frente de todo mundo. Beijo pra desmoralizar a gente. Eu acho que precisava ter respeito, né? Quem dá respeito, quer respeito.

Amarílis – Mas seu Maia, geralmente nesses casos as pessoas juntam um grupo, vão lá e batem no cara. O senhor nunca foi de chegar lá e dar porrada?

Seu Maia – Eu sempre resolvi minhas coisas... Eu nunca pedi pra ninguém pra resolver minhas coisas. Mas também eu nunca me envolvi em coisa de gangue. Eu sempre resolvi.

Amarílis – Mas o senhor nunca foi de bater?

Seu Maia – Não. Eu nunca fui de bater, não. Agora isso que eu já passei, eu não quero mais passar por isso. Eu quero viver a minha vida agora como cidadão, que é difícil viver como cidadão aqui, mas eu vou tentar.

Galciani – No pouco tempo de entrevista, o senhor já se referiu várias vezes à questão de honra, à desmoralização da sua família. Isso já é uma coisa que veio desde criança ou o senhor pegou um pouco disso no Exército?

Seu Maia – Não, não mudou não. Olha, estudante, a pessoa tem que ter dignidade de pessoa, de homem. Mulher, dignidade de mulher, tá entendendo? Eu acho que a pessoa hebe sua cachaça hoje, mas tem que respeitar os outros. Hoje, o mundo tá virado, ninguém respeita. Essa onda de

estupro, essas coisas que acontecem, muito por parte da justiça. (A Justiça) Bota num presídio, quer comparar todo mundo igual. Eu acho que tá errado. Tem diferença. Olha os artigos, olha as pessoas pra comparar aquela pessoa com a outra.

Ricardo Castro – O senhor falou agora em justiça. Já que o senhor acredita na justiça, por que o senhor fugia da polícia?

Seu Maia – Sabe por quê? Porque eu tinha medo de apanhar da polícia. Medo de ser preso, não! (com ênfase) Eu tinha medo de apanhar. Ser preso pelo que fiz... (consentindo) Agora, se a gente confessasse uma coisa, eles (a polícia) diziam outra coisa que a gente não fez, como aconteceu comigo...

Ricardo Castro – O senhor chegou a apanhar da polícia?

Seu Maia – Não, mas passei 48 horas de sede em Boa Viagem (município do sertão central cearense, a 217 km de Fortaleza).

Galciani – Por que esse medo

"Isso que eu já passei, eu não quero mais passar por isso. Eu quero viver a minha vida agora como cidadão, que é difícil viver como cidadão aqui, mas eu vou tentar."

leado um colega nosso. Nós passamos a noite dando assistência a ele, ninguém dormiu. Na hora, um colega nosso morreu também, tava baleado. Passei a noite dando assistência a ele, atrás de remédio num canto e noutro... (referência ao que sobreviveu)

Arthur – Isso foi em São João do Jaguaribe?

Seu Maia – Foi.

Arthur – Ai o senhor foi morar em Juazeiro. Aí no mesmo ano teve o acontecimento com o Valdenísio (conhecido como "Amigo da Onça"), né? Lá em Limoeiro, não foi?

Seu Maia – Foi, foi, foi. Lá no Posto Cajueiro.

Arthur – Como é que foi? No mesmo ano o senhor se envolveu nesses dois incidentes?

Seu Maia – Porque quando eu vim de passeio, aí ele (o Valdenísio) veio querer desmoralizar a gente.

Arthur – Como?

Seu Maia – (Ele era) casado, pai de filhos. Uma prima minha de 15 pra 16 anos foi entrar no clube, ele pe-

Ficou combinado que "apenas" os oito alunos que realizariam a entrevista, o professor e a fotógrafa teriam acesso ao presídio. Os outros alunos não poderiam assistir à entrevista.

de apanhar?

Seu Maia – É ruim peia (surra). A gente apanha da mãe da gente, porque enfim é a mãe da gente, né?

Galciani – Então, esse medo de apanhar já vem desde quando o senhor era criança?

Seu Maia – Eu tenho medo, muito medo de apanhar. É isso mesmo. Eu levava pisa (surra) da minha mãe, ficava muito puto de raiva...

Viviane – No Exército o senhor teve alguma experiência de violência?

Seu Maia – Não. Lá a gente era bem tratado. O nosso sargento era gente muito boa. A gente se tratava como se fosse uma família.

Amarílis – Mas como é que o senhor se define? Seja na escola, com os primos ou no Exército? O senhor geralmente é aquele brincalhão, amigo de todo mundo ou é mais reservado?

Seu Maia – Olha, menina, eu na minha região, não tenho intrigado. Vocês podem caçar de Jaguaribe a Limoeiro (do Norte), tanto pela BR 116 como pela ribeira do Rio Jaguaribe, que eu não tenho um intrigado, um intrigado, um!

Viviane – O senhor tem o gênio forte?

Seu Maia – Não, tenho não. Agora, eu tenho vergonha, sabe? Vergonha eu tenho. Eu acho que tem que ter vergonha nas coisas, se sentir com as coisas. Se uma pessoa maltratar outra, o cabra tem que se sentir, né?

Viviane – O senhor disse que de Jaguaribe a Limoeiro tem uma boa lembrança. O que vem à sua lembrança quando o senhor pensa na sua terra? O que o senhor mais gosta de lá?

Seu Maia – (Sinto) muita saudade dos forrós, das namoradas, das vaquejadas. É bom demais! Lá eu vivia uma vida difícil, porque a gente vivia "comerciante" sempre com gado. Comprava gado e vendia. Além disso, à noite, tinha que se esconder nos cantos pra polícia não achar a gente e de dia ter cuidado porque... (*) Mas lá na minha cidade pra todo mundo eu sou querido, todo mundo. E (para) as (pessoas) daqui um monstro, aqui. Nunca matei pra roubar, nunca matei ninguém pra ganhar dinheiro, nunca matei a toa por cachaça, nunca tomei o relógio de ninguém. Sempre lutei com meus negócios direitinho, mas fizeram de mim um monstro. Eu vejo muito sujeito pior do que eu que vem pra cá.

* Um agente penitenciário entra

na sala e diz que o doutor José Bento Laurindo de Araújo, diretor do presídio, quer falar com alguém da equipe de produção. Amarílis Lage sai da sala para falar com o diretor. O doutor Bento queria saber se a entrevistada estava indo bem e se precisávamos de alguma coisa. Ofereceu café e água.

Ricardo Castro – Então, o senhor considera que matar não é tão grave quanto roubar?

Seu Maia – (Seu Maia exalta-se e aponta o dedo para Ricardo) Não, é! Um crime é igual. Agora, acontece que, se você matou uma pessoa minha você tá me devendo já uma vida minha. E você estar na sua casa e uns caras entrarem pra lhe assaltar, matar você pra carregar isso aqui (faz menção ao relógio em seu pulso), é diferente. Eu acho que não teve sentido

“Lá na minha cidade pra todo mundo eu sou querido (...). E (para) as daqui um monstro. Nunca matei pra roubar, nunca matei ninguém pra ganhar dinheiro (...).”

esse último, e o outro lá teve. Eu sei que nenhum tá certo, mas teve um motivo. Você tá na sua casa, no seu carro, o cara lhe assaltar e te matar por causa daquilo, eu acho que tem grande diferença daquele que já matou um meu. Nenhum é justo nessas coisas, agora... Eu acho que, comparando os dois, eu acho que tem grande diferença. Chega uma menina dessa aqui (aponta para Galciani Neves), que Deus a livre, um elemento acolá pega, estupra, mata. Não é um crime hediondo, não, um crime desse? Não tem muita diferença, não? Eu acho que tem. Agora, fizeram de mim um monstro. Eu vejo gente aqui (no presídio) muito pior (que eu) num entra e sai. Fizeram de mim um monstro sem provar. Eu não respondo a nenhum crime por pistolagem. Não respondo.

Amarílis – O que é que o senhor considera mais hediondo: roubar, estuprar ou matar?

Seu Maia – Tudo é hediondo. São crimes pugnando a sociedade.

Agora eu falando em comparação de um homem matar pra roubar em comparação de um vingando a morte de um irmão seu. Estou comparando assim.

Galciani – Mas o senhor não acha que tá dando o troco da mesma forma? Fazendo a mesma coisa que fizeram com sua irmã?

Seu Maia – Hoje eu acho... que sim. Que não deve fazer isso. Agora, antes não tinha justiça.

Galciani – O senhor acredita na Justiça?

Seu Maia – Hoje eu acredito, mas antes não tinha. Porque o delegado de polícia mandava matar meu pai e ficava por isso. Hoje, se um delegado mandar matar um, é cassado. Hoje a lei tá mais rigorosa.

Ricardo Castro – O senhor guarda rancor de alguém na sua vida?

Seu Maia – Não, não.

Galciani – O senhor não guarda porque não tem de quem guardar ou porque o senhor já esqueceu?

Seu Maia – Não, não guardo porque... Uma coisa: eu estava errado. De quem eu devia de guardar foi de quem botou eu aqui, pronto. Aí não tenho.

Galciani – Quem botou o senhor aqui?

Seu Maia – Foi o cabra que desmantelou a minha vida. Não quero dizer que foi a polícia. Foi quem criou problema com minha vida pra eu poder eliminar ele. Eu quero dizer isso, sabe?

Patrícia – Seu Maia, quando o senhor fugia, ia se esconder, onde o senhor achava abrigo? Quem lhe dava abrigo?

Seu Maia – Nos paus. (Ele quer dizer escondido nas árvores) Eu passava às vezes de um pau pro outro, e passava a noite dormindo. Eu, quando não levava chuva era sol. Teve época de eu passar seis meses no mato. Até carrapato eu criei no meu corpo. A polícia sabia quem era aquela pessoa que me dava guarida naquela casa. Com um mês ia lá, açoitava gente, chutava menino. Eu, pra não botar aqueles pobres coitados em confusão, sofrendo por causa de mim, ia pro mato. “Quem fez o crime foi eu, quem vai pagar sou eu. Não vou botar ninguém em jogo, não.” (Seu Maia adota o discurso direto em muitas partes da entrevista)

Patrícia – Teve algum fato interessante que ocorreu nessa época? Alguma fuga mirabolante?

Seu Maia – Uma vez eu vim aqui pra Guaiúba (pequeno município da



A pré-entrevista foi marcada para ser realizada no Instituto Penal Professor Olavo Oliveira, dia 6 de maio, às 13h30, mas a equipe se perdeu e só conseguiu chegar às 14h.

O advogado de Mainha avisou ao diretor do presídio, Dr. Bento Laurindo, sobre a chegada da equipe de produção. Depois de apresentada ao diretor, a equipe seguiu para a sala da OAB.



Mainha, que trabalhava na tecelagem de redes, trajava bermuda, camiseta e estava com a barba por fazer. Falou que, se soubesse que iriam três moças, teria se arrumado melhor.

Região Metropolitana de Fortaleza, a 29 km da capital), a cavalo. De Quixadá (cidade do sertão central do Ceará, a 154 km de Fortaleza) pra Guaiúba eu vim a cavalo! Eu vim encourado, roupa de couro, de vaqueiro. A polícia passava e achava que era um vaqueiro dali de perto. Eu tinha mês que andava umas 30 léguas a cavalo, daqui para as bandas do Rio Grande do Norte.

Amarilis – *Mas qual foi a fuga mais interessante? A que o senhor lembra mais?*

Seu Maia – Teve duas coisas interessantes, porque graças a Deus eu tenho um anjo da guarda forte, sabe? Eu tava com três dias dentro do mato, e acabou-se o café. Me deu uma dor de cabeça medonha, porque eu sou viciado em café... “Vou já lá na casa da minha sogra”. Peguei um fuzil que eu tinha, botei na cintura dois revólveres e fui pra casa da minha sogra. Quando cheguei... Lá eu sou conhecido como Antônio, sabe?

Ricardo Castro – *E quando foi isso?*

Seu Maia – Isso, em 83 pra 84. “Seu Antônio, o que o senhor tá fazendo aqui?” “Vim tomar café, que eu tô morrendo de dor de cabeça”, eu disse. Ela foi fazer o café, a gente ficou conversando, aí ela entrou pra coar o café... Aí entra um beija-flor no alpendre da fazenda. Eu tava de cócoras no parapeito, com o fuzil encostado, com o cachorro assim na frente... Entra um beija-flor no alpendre e saiu lá no outro alpendre, porque a casa lá é grande, um casarão danado. Com uns cinco minutos, o beija-flor veio e entrou de novo. Aí eu cismei, sabe? “Dona Bisa, eu já vou.” “Não, tô coando o café.”, ela disse. “Não, depois venho tomar.” Saí. Quando entrei no mato, a polícia cercou a casa. Deixaram os carros com uma légua e vinham por uma vereda que sai perto de casa. O cachorro não sentiu, porque a casa lá é muito grande e não deu faro pra ele. Se não é o beija-flor eu tinha sido...

Amarilis – *Esse é um dos episódios, e o outro?*

Seu Maia – Outra coisa que marcou minha vida, foi quando eu fiz uma vaquejada lá dentro do terreno que eu vivia, em 85. Chamei uns amigos meus, matei um boi, fiz um churrasco e meus amigos vieram puxar gado lá. No outro dia, eu fui comprar num sítio em Jaguaratama (cidade do Vale do Jaguaribe, a 214 km de Fortaleza) 40 vacas, que tavam marcadas pra eu olhar. Peguei um

animal e fui. Passei a noite viajando, dava 18 léguas... Quando eu cheguei lá, olhei o gado e passei o dia acordado. Aí, quando foi de noite, eu ia dormir na casa de Otacílio Diógenes, um parente da gente, que mora no leito do rio (Jaguaribe). E na parede do poço (trecho de rio que durante a seca permanece com água) tinha uma lâmpada de 500 velas que quem tava do outro lado do rio vendo, ficando “encandiadozinho” (ofuscado) com a luz. Toda semana, a burra passava lá na barreira do rio. E lá no outro lado, do lado que eu vinha, tinha um poço que eu descia e saía beirando, e uma moita no meio, que eu rodeava. A burra onde eu vinha caiu no mato comigo, caiu no poço, sabe? Vinha eu e um cunhado meu, o que era casado com a minha irmã que mataram. “Rapaz, não vou mais dormir aqui,

“Ele ficou dizendo que a nossa família não valia nada, sabe? O Valdenísio fez isso e ainda ficou zombando. ‘Pois eu vou mostrar que vale alguma coisa...’”

não, no mato assim, não. Vou pra frente”. “Por quê?”, disse (o cunhado). “Rapaz, essa burra passa aqui toda semana, nunca fez isso e fez isso aí. Isso é um aviso, eu não vou não.”

Aí eu volto, pego a estrada e subo naribeira. Andamos uma légua, peguei outra passagem e atravessamos... Quando cheguei na fazenda, tava a notícia que a polícia tinha cercado a fazenda e tava nesse canto onde eu ia dormir. Mais de 80 homens, em dez viaturas. Lá tem uns capins, a casa tava em reforma, as portas eram todas de rede. Aí quando foi negócio de doze e meia pra uma hora, a polícia invadiu lá, com as lanternas, rebolando gente fora da rede... Se eu tivesse ido dormir lá, polícia tinha me metralhado com tudo. Um sem-vergonha deu pra polícia que eu tava lá. Agora, lá eu num tava, tava só meu cavalo, sabe? Ele viu o cavalo lá e achou que eu tava lá. E eu nunca tinha dormido nessa fazenda, a vez que eu ia dormir, a polícia tava cercado lá.

Aí isso me marcou, porque se não é o aviso (da burra), eu tinha me acabado ali.

Amarilis – *Pelo que o senhor tá contando, o senhor tem algumas superstições.*

Seu Maia – Eu tenho. Eu tenho.

Amarilis – *O senhor tinha uma oração ou algum ritual do qual se lembrasse, quando ia vingar a morte de alguém ou acontecia um incidente?*

Seu Maia – Olha, houve coisas comigo porque eles me procuraram, tá entendendo? O único que eu vim vingar aqui foi o Iran (Nunes, morto em 17 de junho de 82 no cruzamento das avenidas Santos Dumont e Desembargador Moreira, no bairro Aldeota, em Fortaleza). Só foi essa (vez) aí, que eu saí pra vingar uma morte, só foi essa. Outra não teve. Me envolveram, porque vieram à minha pessoa e houve problema.

Viviane – *Seu Maia, quando o senhor tava fugindo da polícia, o senhor tinha preocupação com a sua família?*

Seu Maia – Tinha, tinha... Tanto que eu tirei minha família lá de Quixadá e comprei casa em São João (do Jaguaribe, cidade a 220 km de Fortaleza), onde moram meus pais e botei lá, tá entendendo?

Arthur – *Seu Maia, pelo que o senhor tava contando, seus dois primeiros crimes, o do bar e o do Valdenísio, foram situações de momento. Não é isso? O senhor não tinha pensado antes em atirar nessas pessoas, né?*

Seu Maia – No do Valdenísio? **Arthur** – É.

Seu Maia – Eu tinha. Eu tava viajando pra São Paulo e voltei. Ele beijou (uma prima, à força), e passou um ano pra ele morrer. Tá entendendo? Ele ficou dizendo que a nossa família não valia nada, sabe? Ele fez isso e ainda ficou zombando. “Pois eu vou mostrar que vale alguma coisa...”

Arthur – *Houve uma preparação no caso da morte dele?*

Seu Maia – Houve assim... Porque eu tava em determinado canto e eu tomei conhecimento onde ele estava. “Ele tá aí?” “Tá.” Eu fui (pra lá), passou a carreta dele, com três dias ele encostou e eu meti chumbo nele. (02 de novembro de 76, em Limoeiro do Norte.)

Arthur – *Vocês tiveram alguma discussão?*

Seu Maia – Não, não houve discussão. (Não teve) nada não.

Viviane – *O senhor ficava esperando a pessoa de tocaia?*

Seu Maia – Eu fiquei lá no pos-

A pré-entrevista, durou mais de uma hora. Mainha é forte, tem um firme aperto de mão e fala mansa com entonação típica de quem mora no interior do Nordeste.

to (*de gasolina*) e, durante o dia, vinha lá pruma boate que tinha na faixa dos doze quilômetros. Diziam que ele ia pra lá durante o dia. Aí eu passava o dia numa boate e de noite ia lá pro posto (*Posto Cajueiro, onde aconteceu o crime*). Aí, no terceiro dia que eu estou lá, ele chega no posto pra vir pra Fortaleza. E esse crime a polícia nem pensou que tinha sido eu, tá entendendo? E foi. E coisa que eu não fiz a polícia queria que eu dissesse que tinha sido eu em coisa que não tinha.

Arthur – *Como é que a sua família encarou esse crime?*

Seu Maia – Não, nunca suspeitaram, não. Eu tô falando e eu falei também naquele dia (*referência ao dia da pré-entrevista, quando ele revelou este crime*). A incompetência da polícia é grande, tudo que sai é fulano. E às vezes não é. E quando o cara faz, nem imagina que foi a pessoa e foi.

Arthur – *Mas a sua família soube na época?*

Seu Maia – Muito poucas (*pessoas*). Ninguém sabia, também...

Amarilis – *Mas eles souberam do primeiro crime, né?*

Seu Maia – Do posto, souberam.

Amarilis – *Como foi que seu pai e a sua mãe reagiram?*

Seu Maia – Ah, pra eles foi uma pancada grande, né? Depois disso, eu passava de cinco anos sem ver meus pais. E não podia andar lá, porque, se eu andasse, a polícia ia arrochar (*apertar*) eles. Então, pra não acontecer aquilo, eu não andava. Meu pai foi preso, deram muito cacete nele, (*ele passou*) fome pra dar de conta de mim.

Galciani – *Seu Maia, o senhor disse que, quando matou, foi um desgosto muito grande pro seu pai. E pro senhor?*

Seu Maia – Aquilo foi coisa de momento. E a gente quando entra... numa coisa, se for pensar, já tá dentro, não tem mais como sair. O crime, quando você começa, é como criança que passa a andar de bicicleta, tem hora que não pode mais parar. Porque se parar, vai morrer. Porque tudo que é adversário tá atrás de lhe matar.

Patrícia – *Seu Maia, o que o senhor sentiu quando pela primeira vez cometeu um crime?*

Seu Maia – Aquilo foi um tirocio medonho (*ele se refere ao tirocio em que se envolveu em 1976, em São João do Jaguaribe*), ninguém sabe quem foi que matou quem.. Eram seis revólveres atirando. Mor-

reu um (*dostês que*) saíram baleados: um colega meu e dois do outro lado. Aí, ninguém sabe quem foi que cometeu o crime. Seis revólveres atirando, três de um lado, três do outro.

Patrícia – *Mas o que o senhor sentiu?*

Seu Maia – Não, na hora não senti nada não.

Viviane – *E depois?*

Seu Maia – Depois... a gente tava num grupo de três, um dá mais força ao outro, né? Senti nada não.

Gustavo – *Seu Maia, quando mataram o seu primo Chiquinho (Chiquinho Diógenes, amigo e patrão de Mainha, proprietário das fazendas que ele supervisionava, assassinado em 09 de abril de 83), o senhor falou para o filho dele o seguinte: "Não foi acidente, seu pai foi assassinado, mas não se preocupe*

"O crime, quando você começa, é como criança que passa a andar de bicicleta, tem hora que não pode mais parar. Porque se parar, vai morrer."

que eu vou vingar a morte dele" (Mainha relatou este episódio à equipe de produção durante a pré-entrevista). *Não foi isso?*

Seu Maia – Vocês estão bem informados, não são? (*risos*) Foi, desse jeito mesmo.

Gustavo – *O senhor acha que vingar a morte de um amigo seu, de um parente, alivia de alguma forma a perda dessa pessoa?*

Seu Maia – Hoje, eu vejo do outro lado, sabe? Mas ali, compensou. Sabe por quê? Eu vou lhe mostrar como compensou. Porque, em todos os autos dos processos, dizem que quem matou Chiquinho foi o Iran e o Edilson (*Nunes*), irmão dele. O Iran, eu matei. Agora, o Edilson não foi nem indiciado. Ele tirou uma vida também. É isso que revolta a pessoa, às vezes. Pra uns dá cadeia e outros ficam livres como um passarinho, como se nada tivesse acontecido. Ele tirou a vida de um cidadão também!

Amarilis – *E o senhor pensava em ir atrás dele também?*

Seu Maia – Não. Talvez. Quando eu estava solto sim, antes de eu estar preso. Mas hoje não. Ele vive a vida dele, que eu vivo a minha.

Arthur – *Antes da morte do Chiquinho, tinha havido a morte do Expedito. (Expedito Leite, prefeito de Iracema em 1977 e adversário político do Dr. Nogueira, primo em segundo grau da mãe de Mainha. Quando foi preso, Mainha afirmou ter matado Expedito para vingar a morte de seu primo Astreu Diógenes, que lhe pagou os estudos) O senhor disse que matou ele por vingança também. Como foi esse crime?*

Seu Maia – Desse crime aí, eu não quero citar nada, não. Vamos passar essa parte? Tá bom?

Galciani – *Voltando então ao Chiquinho, o que aconteceu depois que o senhor falou com a família?*

Seu Maia – Quando mataram Chiquinho, eu morava em Belém do Pará, porque antes disso... Eu vou começar por etapas, para poder responder às perguntas de vocês... Vocês estão bem informados. Então, vamos pra onde começou tudo.

Quando houve a briga no posto (*a morte do Valdensio*), eu fui morar em Juazeiro (*do Norte*). Quando eu vim de Juazeiro, eu fui morar em Quixadá. Eu fui ser gerente de 14 fazendas do Chiquinho. Ele comprou todas as fazendas vizinhas de um elemento (*Orismildo Rodrigues da Silva, conhecido como "Caboclo Bárbaro"*) lá. Ele morava no meio

das propriedades do doutor Chiquinho Diógenes. Ele tinha raiva e medo do Chiquinho, porque ele era muito rico. Ele ficava criando problema com quem ia morar com o Chiquinho. Uns três vaqueiros já tinham saído da fazenda, porque ele ficava fazendo fuxico, criando problema. Aí depois, ele começou a criar problema pra cima de mim. Eu namorava com uma moça e ele foi dizer para o pai da moça que eu era casado. O pai da moça (*veio*) com maior enxame pra cima de mim. Eu nunca fui nem junto, avalie (*quem dirá*) casado. Aí eu perguntei quem tinha dito a ele (*ao pai da moça*) e ele disse que tinha sido ele (*o elemento*).

Chamei o Chiquinho e disse: "Rapaz, fale com o seu Caboclo, porque ele agora tá virando pra cima de mim. Deixou seus moradores e agora tá pra cima de mim. (*Diga a ele*) que deixe de me perseguir". Ele foi bater no quartel de Quixadá e disse que a fazenda tava cheia de pistoleiro. E lá só tinha eu. Era eu o pistolei-



Mainha recebeu exemplares da revista Entrevista e os folheou atentamente. A entrevista foi marcada para o dia 17 de maio, após o novo julgamento pela chacina de Alto Santo.

Para mais dados sobre Mainha, Amarilis Lage e Patrícia Sales, marcaram um encontro, no dia 07 de maio, com o advogado Clayton Marinho que já representou Mainha em alguns casos.



No encontro, o Dr. Marinho foi logo avisando que tinha pouco tempo. Após algumas perguntas respondidas de forma fria e objetiva, houve um momento de tensão.

ro. Ficava denunciando coisa que não tinha nada a ver. Ele não tinha nada a ver com a minha vida. Eu penso isso comigo: se eu ver você negociando com dinheiro falso, fazendo coisa errada, eu não tenho nada a ver com a sua vida. Você vive a sua vida que eu vivo a minha. Af ele começou a me perseguir, perseguir, perseguir... Af, no fim da história, inventou que eu roubei duas cangalhas (*segundo o dicionário, cangalha é: "peças de pau em que descansa a moega das atafonas" ou "arreamento com carcaça de madeira, sudores de capim ou rolha, coberto de couro, com cabeçotes peitoral, retranca e acessórios, para animal cargueiro"*). Preferimos dizer que cangalha é: "aquele pedaço de pau que coloca no lombo do burro.") dele. Eu tomei conhecimento que ele tava usando o meu nome, (*dizendo*) que tinha sido eu e tudo.

Eu falei com ele e dei uma esculhambação muito grande nele. Af ele chamou uns pistoleiros e mandou me matar, na minha casa. Os caras chegaram, me cobriram no tiro. Eu tava com o meu filho pequeno, com dois anos, esse que hoje faz faculdade (*Cândido Maia Cunha, hoje com 20 anos e aluno da faculdade de agronomia na Universidade Federal do Ceará*). Teve um tiroteio lá e os cabra correram. O carro que vinha me matar, tava na casa dele, desse camarada, sabe? Af, quando eu vi que ficando lá, eu ia morrer mesmo, tirei minha família de casa, fui e matei ele (*23 de janeiro de 82*), esse fazendeiro lá vizinho, sabe?

Af, eu fui morar numa propriedade nossa que hoje a barragem do Castanhão (*um açude que vem sendo construído na região de Jaguaribe, de grande porte, cuja construção é marcada por polêmicas e controvérsias, inclusive porque vai fazer sumir do mapa um município*) está cobrindo a parede, mas é nosso ainda. Infelizmente, o governador (*Tasso Jereissati, que cumpre o 3º mandato à frente do Governo, o 1º de 1987 a 1990. O 2º de 1995 a 1998. E o 3º iniciado em 1999 e vai até o ano 2002*) não pagou, enganou a gente, sabe? O governador diz que é sério, mas enganou e não pagou nossas terras não. E lá não é só a gente não, são muitos fazendeiros que não foram pagos, donos de propriedades. A parede de cima que é nossa. Af, eu tomei conhecimento que três homens andavam com a polícia atrás de mim. Eram do COE (*Comando de Ope-*

rações Especiais), numa (*caminhone*) Veraneio e numa Belina branca. O próprio comandante da polícia, lá da nossa região, me avisou. Eu lá vivia nas festas, vivia nas campanhas políticas, levando gente no meu carro pros comícios. Af, eu soube que a polícia tomou conhecimento que eu tava lá, andando desse jeito. Af, eu fui pra Jaguaribe (*uma das principais cidades do Vale do Jaguaribe, a 308 km de Fortaleza*), pra uma fazenda de um amigo meu. Eu tinha uma namorada lá, que morava na fazenda. Eu ia pra casa dela e cansei de passar até semana, lá.

Ricardo Castro – *Quem era esse amigo que o senhor foi pra casa dele?*

Seu Maia – Ah, o pai da minha namorada. Ele é falecido já. Af eu fui pra lá. Um cara apareceu numa Ca-

no todinho pra plantar capim. Tinha ido almoçar no Posto Universal e ia jantar. Ia abastecer o carro e o operador da máquina ia comigo, mas com essas conversas toda de carro atrás de mim e tudo, o operador disse: "Rapaz, eu não vou andar com você mais não." "Tá bem demais, você tá certo, deixe que eu vou só e trago sua comida." Af, comecei a andar pra lá e não aparecia Zé Fernando, nem ninguém não. Com uns quatro dias que eu tô (*indo*) lá, chega um amigo meu que ia pra Jaguaribe, (*resolver*) negócio de uns burros e eu falei pra ele o que tava acontecendo. Ele disse: "Rapaz, nunca andei sem meu revólver e hojetô sem revólver." "Você quer ficar comigo?" "Vou, tenho que ficar até meio-dia, de lá vou pra Jaguaribe." "Fique com um revólver aí." E fiquei com um. Eu fui na casa de um amigo meu, peguei outro revólver dele. Fiquei com dois, ele ficou com um e fomos pro posto.

Quando eu tô lá, chega a Caravan com três homens e houve um tiroteio muito grande (*04 de novembro de 82*). Meu colega que tava comigo saiu baleado. Morreram dois do outro lado e uma moça saiu muito baleada. Eu peguei a moça e botei ela dentro de um carro, mandei levar pra Limoeiro (*do Norte*). O rapaz que levou a moça quis levar meu colega, mas eu disse: "Não, esse meu colega eu levo para o Rio Grande do Norte". Af peguei meu colega, botei dentro do carro e

levei para o Rio Grande do Norte. Lá, com seis dias, ele morreu. Af pronto, ele ficou ali. Af eu peguei um gado que eu tinha, vendi e fui embora pro Pará. Quando foi no dia 27 de abril (*de 83*), eu liguei pra Fortaleza, pra essa testemunha que o promotor disse que desceu de pára-quedas, o Edinir (*José Edinir Maia Chaves, dono do Posto Universal e marido de uma prima de Mainha*) e ele me disse que Chiquinho tava morto, que João Terceiro tava morto com a família (*Ex-prefeito de Pereiro, morto com a esposa, o motorista e um policial militar no dia 16 de abril de 83. Este crime ficou conhecido como Chacina de Alto Santo, du qual Mainha foi acusado e condenado a 64 anos de reclusão no primeiro julgamento no dia 17 de abril de 87. Após recorrer, foi absolvido por cinco votos a dois em novo julgamento ocorrido no dia 12 de maio de 99*). "E tem alguma ligação?" "Não sei informar não, mas tá tudo morto" "Pois, não saia de casa não que amanhã eu chego na sua

"O menino quando me viu, disse: 'Meu pai morreu num acidente. Não, seu pai... mataram seu pai, não foi acidente não. Agora a morte do seu pai, eu vingo.'"

ravan azul nos comícios lá perto de casa. Eu não andei mais em comício, nem nada, porque quando eu tomei conhecimento que era polícia, eu me afastei. E quando determinado dia eu fui na casa do meu cunhado, marido dessa minha irmã que mataram, ele disse: "Rapaz, Zé Fernando (*José Fernandes*) foi atrás de você mais dois homens." (*Miro Leite e outro pistoleiro desconhecido*) "Que Zé Fernando?" "Rapaz, um pistoleiro af." "Se é pistoleiro... Que carro é?" "É uma Caravan." "Se é Caravan, é o carro que tá aparecendo lá perto de casa...de noite" Af, eu fui lá na cerâmica do finado Chiquinho e falei pra ele: "Rapaz, tem um carro atrás de mim assim, assim, assado e disse que é Zé Fernando, eu vou já no posto." "Rapaz, tá com quantos revólveres?" ele disse. "Eu tô com um." "Você quer mais um?" "Quero." O Chiquinho me deu outro revólver e eu fui.

Comecei trabalhar num terreno que tava planado e nivelamos o terre-

Quando indagado sobre quem pagava seus honorários, enquanto advogado de Mainha, Clayton Marinho se portou de forma ríspida e encerrou a entrevista.

casa.”

Ele mora na Lauro Maia, ali perto do POVO ali, sabe? (*Rua Lauro Maia, no Bairro de Fátima, em Fortaleza, perto do jornal O POVO*). Aí, eu peguei o ônibus, vim, desci ali na (*Avenida*) Bezerra de Menezes, peguei um táxi e fui pra casa dele. Dormi, no outro dia fui pra casa da viúva, na (*Rua*) José Vilar, vizinho ali à (*Avenida*) Pontes Vieira. O menino (*filho de Chiquinho*) quando me viu, disse: “Meu pai morreu num acidente”. “Não, seu pai... mataram seu pai, não foi acidente não. Agora a morte do seu pai, eu vingo.”

O bichinho começou a chorar. Aí, a mulher (*do Chiquinho*) quando me viu começou a chorar, porque a gente andava muito junto. Ele tinha 14 fazendas, mas só tinha uma no nome dele. Eu fui citar quem era, no nome de quem as fazendas tavam, porque a mulher não sabia. Eu fui dizer tudinho, a cerâmica, as outras coisas dele tudinho. Aí, eu disse pra ela: “E aí, como é que vai ficar a coisa?” Ela foi e disse pra mim que ia se embora dali, que não ia ficar mais ali... Aí eu disse: “Pois tá bom, mas morte de seu marido eu vingo, pode ficar sabendo disso.” “Não, Antônio (*Mainha também era conhecido por esse nome*), não faça isso não.” “Eu vim pra cá não foi pra visitar vocês, não. Vim pra vingar a morte dele...”

Galciani - *O senhor tinha um pacto com Chiquinho?*

Seu Maia - Eu disse a ele que quem matasse ele, eu vingaria a morte dele.

Ricardo Sabóia - *Quando foi feito esse pacto?*

Seu Maia - Um dia, nós andando na caminhonete dele, nós conversando, ele disse: “Cumpadre, você pode passar lá em casa...?” Ele dizia que não morria na cama, que os cara tava perseguindo muito ele. “Pois se lhe matarem, eu vingo a sua morte, fique sabendo disso”, eu disse a ele, sabe? Eu devia a ele, eu fui cumprir a minha palavra, pronto.

Patrícia - *Seu Maia, quando a polícia começou a lhe perseguir e a imprensa começou a cair muito em cima do senhor, como ficou a sua vida?*

Seu Maia - Tudo na vida da pessoa é uma fase, tudo é fase. O cabra na vida não leva só mar de rosa não, leva situação ruim também. Em 83, me cercaram com vários policiais numa fazenda. Quando eu vi que a casa tava cercada, eu falei que ia me entregar. Mas um delegado doido -

parece que chamavam ele de Batista, um delegado que é daqui (*de Fortaleza*) - começou a esculhambar minha pessoa e xingou a minha mãe: filho dessa, filho daquela... Eu já tinha pegado dois revólveres que eram mais da minha estima e tinha escondido na chaminé. Quando ele começou a me esculhambar, eu disse que não saía mais não. Não ia sair. Tava me chamando de covarde, me chamando de um bocado de coisa, eu não saía mais não. Fui lá, peguei os revólveres e reagi à prisão. Tinham dez pessoas lá na casa, um bocado de criança e vi que gente ia pagar sem dever. Quem devia era eu, porque tinha acabado de assassinar o Iran (*Iran Nunes, morto em 17 de Junho de 83, para vingar a morte de Chiquinho Diógenes*). “Quem vai pagar sou eu, não é ninguém não.” Aí eu fui e pulei no meio

“É a coisa mais fácil.
Só não se tira documento
falso de animal, porque
só tem um cartório de
registrar animal em São
Paulo. Mas de gente,
é a coisa mais fácil.”

deles. Houve um tiroteio muito grande. De lá, peguei o mato e fui embora. Lá, eles amarraram o pessoal, um irmão meu que tava comigo, várias pessoas. Trouxeram aqui pra Secretaria (*de Segurança Pública*) e eles passaram vinte dias presos. Meu pai botou um advogado e soltou o pessoal. Aí, fiquei famoso devido a esse circo, fizeram de mim um monstro.

Patrícia - *Enquanto estavam lhe perseguindo, nesse período que o senhor ficou sendo perseguido pela polícia e que a imprensa ficou lhe marcando muito, como o senhor fazia pra trabalhar, pra viver?*

Seu Maia - Olhe... Eu mudei de região... Depois desse crime do bar (*o primeiro*), eu fui morar em Juazeiro e depois lá em Quixadá. Meu nome lá (*em Juazeiro*) era Mainha e em Quixadá fui com o nome de Antônio. Com todos os documentos: porte de arma, carteira de motorista e tudo, sabe? Inclusive operava até em banco. Eu andava normalmente em Quixadá. Fazia custeio agrícola lá, sabe?

Arthur - *Como foi que o senhor conseguiu esses documentos falsos?*

Seu Maia - É a coisa mais fácil. Só não se tira documento falso de animal, porque só tem um cartório de registrar animal em São Paulo. Mas de gente, é a coisa mais fácil.

Amarilis - *Eu achei engraçado quando o senhor falou que tava na casa e decidiu que ia se entregar à polícia, depois eles ficaram sabendo que o senhor não ia se entregar mais, porque o senhor tinha uma promessa de suicídio, tinha seis balas em seu revólver - cinco pra quem lhe perseguia e a última pro senhor... Quando cercaram a fazenda e o senhor decidiu não se entregar, o senhor já tinha a promessa de suicídio?*

Seu Maia - Não. Isso aí foi depois... Isso aí foi depois que eu decidi que não me entregava mais pra polícia. Me matava, mas não me entregava mais, porque eu vi que não tavam querendo me prender... Eles tavam querendo me matar covardemente. Eu me matava com minhas mãos mas não me entregava mais, porque eu tava vendo a situação como é que tava... Eu indo me entregar, indo vestir a roupa, eles tavam falando aquilo, avalie se botassem a mão em cima de mim... Que que eles iam fazer comigo? Eu armado, dentro de casa, eles tavam fazendo aquilo comigo, me esculhambando daquilo.. E se botassem as algemas em mim?

Ricardo Castro - *O senhor já tentou se matar?*

Seu Maia - Não.

Arthur - *Seu Maia, o senhor me deixou curioso. Em todos os seus crimes, o senhor fala que agiu por vingança, por uma necessidade de...*

Seu Maia - Me defender. (*interrompe enfaticamente*)

Arthur - *...se defender, defender a honra de outra pessoa, da sua família e de seus amigos. Mas o senhor não quer falar do caso da morte do Expedito (Leite). Por quê? O senhor se arrepende desse crime?*

Seu Maia - Não... não quero falar... porque vai mexer com um bocado de coisa e não quero falar nesse caso aí, sabe? Inclusive foi até prescrito esse processo. Prescreveu com vinte e dois anos, mas não quero falar nesse assunto...

Galciani - *Em uma entrevista ao Diário do Nordeste (13 de agosto de 88 - o Diário do Nordeste é o jornal de maior circulação no Ceará), o senhor diz que se arrepende de ter matado alguém.*

Seu Maia - Eu disse que me



O susto: a secretária da justiça, Dra. Sandra Dond, respondendo a um fax do Curso de Comunicação Social, disse que Mainha estava decidido a não conceder entrevista a ninguém.

Mainha tinha razão em preocupar-se. O professor Ronaldo Salgado foi procurado pelo Jornal Hoje, que queria reproduzir partes da entrevista. O jornal já não mais existe: foi extinto.



A sorte: descobriu-se que um dos entrevistadores, Ricardo Sabóia, é irmão da namorada do filho da Dra. Sandra Dond. Foi feito um novo contato em um domingo à noite.

arrependo de ter matado uma pessoa. O Miro (*Leite*), que era homem muito valente...

Galciani – *E o senhor se arrepende mesmo de ter matado essa pessoa?*

Seu Maia – O que eu disse foi: “Olha, um homem daquele não era pra ter sido morto.” Porque se eu pudesse naquela hora ter dado a mão de amigo a um homem daquele... Um homem valente daquele não se mata. Em hora nenhuma ele se acovardou.

Amarílis – *Em uma outra entrevista ao O POVO (11 de agosto de 88 – O Povo é o jornal mais tradicional do Estado, fundado em 1928), o senhor disse ao repórter que não se considerava um homem corajoso. Por quê?*

Seu Maia – Não sou, não. Por que coragem? Isso é coragem? Isso é momento. Coragem a gente não tem, visita a gente. Tem coisa que dá aquela coragem, tem coisa que você não tem coragem. Naquele momento do Iran (*Nunes*) foi coragem, tá entendendo? Nas outras coisas, não. É momento, coisa do momento. E coisa do momento você faz. Pensa pra frente depois que tem acontecido. É como virada de carro. Virada de carro, quando você vai pensar, o carro já tem virado. Você não sabe como foi que escapou, não sabe de nada.

Amarílis – *O senhor falou de vários crimes até agora, certo? Mas desses, qual tocou? Qual lhe abalou? Qual desses crimes foi o mais marcante para o senhor?*

Seu Maia – Foi o do “Caboclo Bárbaro” (*em 23 de janeiro de 1982, em Quixadá*), porque ele me chamava de ladrão, mas eu nunca enganei ninguém. Levar o nome de ladrão, sem ser a pessoa... Eu trabalhava dia e noite pra cumprir com meus negócios.

Amarílis – *E o senhor sentiu por ter matado ele? Estou falando de sentimento.*

Seu Maia – Não, sentimento por ele não tive, não.

Ricardo Castro – *Nem pena? Nem remorso?*

Seu Maia – Daquele não. Aquele, se o juiz falar: “Você se arrepende?” “Eu não me arrependo nunca daquilo”. Porque eu pedi a muita gente pra pedir pra ele deixar a minha vida de mão. Foram seis anos! Uma pessoa perseguindo outra. Seis anos não é seis dias, não... Olha, é muito bom julgar os outros. Agora, você se julgar, é ruim demais. Agora é fácil

julgar os outros... A senhora é casada?

Patrícia – Não.

Seu Maia – A senhora é solteira e eu fico dando esculhambação na frente da casa da senhora. A senhora vai ficando com raiva de um negócio daquele, não vai, não? Por mais que a pessoa seja mansa, tem hora que fica brava.

Ricardo Sabóia – *O senhor se considera justo?*

Seu Maia – Eu... Ele comigo foi muito sem vergonha. (*referência ao “Caboclo Bárbaro”*)

Galciani – *Alguma vez o senhor se considerou herói?*

Seu Maia – Não, eu só fui vítima das coisas. Nunca fui herói, não.

Galciani – *Mesmo tendo matado? Mesmo tendo vingado e feito justiça?*

Seu Maia – Não. Não tô dizen-

são motivados por vingar a sua honra. O que é a honra para o senhor?

Seu Maia – É você tá sendo injustiçado numa coisa que você não fez. Você pagar uma coisa que não fez. As pessoas estarem “dizendo coisa” (*ofendendo*) com você, se você não fez. Aí eu acho que ali tá tirando a sua honra. Eu me lembro bem quando eu comprava gado. Eu chegava em casa, vindo do Rio Grande do Norte, com o dinheiro do gado que eu tinha vendido. O prazo se vencia hoje à meia-noite e eu chegava seis horas. Buscava um burro no cercado e andava quatro léguas pra chegar lá antes de meia noite e pagar o gado que eu tinha comprado dentro do prazo. E levava o nome de ladrão? Eu não aceito essas coisas, que eu não sou ladrão. Na minha vida, eu só roubei uma mulher, acredita nisso?

Nunca roubei nada de ninguém.

Viviane – *E pra defender a honra, o senhor mataria novamente?*

Seu Maia – Não. Eu, agora, já penso de uma outra maneira. Tenho filhos. Oito filhos, sabe? Eu quero viver minha vida. Eu vou procurar evitar ao máximo, andar pouco... Você sabe que quem muito anda, encontra as coisas mais fácil.

Patrícia – *Seu Maia, como foi a sua prisão?*

Seu Maia – Eu trabalhava em Quiterianópolis (*município na região dos Inhamuns, a 397 km de Fortaleza*), na Secretaria de Ação Social. Me dava muito

bem com o José Rosa de Abreu, que era o secretário de Ação Social, e tomava conta de um colégio da FEBEM (*Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor*). A gente tava construindo um colégio agrícola lá. Terminamos o colégio e botei um frigorífico lá. Eu tinha ido ao Piauí, comprar uma carrada (*carregamento*) de gado e cheguei quatro horas da tarde. Eu tinha ganho uma bicicleta em Independência (*nos Inhamuns, a 309 km da capital*), numa vaquejada. Aí eu recebi a bicicleta na quarta-feira e na quinta-feira, mandei montar porque era nova, toda desmontada. Quando foi na sexta-feira, eu vou passando na bicicleta, vou chamar um rapaz pra matar duas reses de madrugada e a polícia me viu. Era o dia da convenção do município. Tinha muita gente de Independência, Crateús e Novo Oriente (*municípios que ficam nos Inhamuns, o segundo a 345 km e o terceiro a 388 km de Fortaleza*) e eu não conhecia quase ninguém da região.

"Coragem a gente não tem, visita a gente. Tem coisa que dá aquela coragem, tem coisa que você não tem coragem (...) É momento (...) E coisa do momento você faz."

do em todos os casos. Eu disse ao juiz: “Olhe, esses trinta anos que eu estou condenado é justo. Agora, não me condene por uma coisa que eu não fiz.” Não tô dizendo que eu tava certo, é errado tirar a vida de uma pessoa, é errado demais, eu sei. Mas tem coisas que você, quando pensa, tem acontecido.

Galciani – *Mas o senhor se sentia obrigado a fazer isso?*

Seu Maia – Do caboclo, eu fui. Era ele ou eu.

Ricardo Castro – *Alguma vítima sua pediu pra não morrer?*

Seu Maia – Não, não teve isso, não.

Galciani – *E o senhor teve pena de alguém?*

Seu Maia – Não. Vinha me procurar, não dava pra ter pena, né? Não tô falando que o Miro (*Leite*), na hora que ele tava lá, trocando tiro comigo, se fosse possível eu levar a mão, dar a ele, eu tinha dado? Eu não fui porque... aí ele ia me matar.

Viviane – *Todos os seus crimes*

A produção enfatizou as propostas da Entrevista e conseguiu marcar uma reunião, com Sandra Dond e Bento Laurindo. Então, eles asseguraram contactar novamente Mainha.

Eu vi aqueles homens, chapéu de couro, calça jeans, carro com placa de Independência e nem maliciei. Quando eu vejo, dois homens saem de um bar que tinha ali em frente. Eles tavam em frente à Teleceará e eu num bar, ao lado da Teleceará. De lá eu ia pra uma festa. Quando o Dantas (*delegado Luís Carlos Dantas, que, junto com o delegado Francisco Carlos de Araújo Crisóstomo efetuou a prisão de Mainha*) se levantou, virou-se e puxou uma arma. Quando puxou uma arma, eu me levantei no meio de um bocado de gente, porque eu tava sacando ele, sabe? Aí, ele sacou uma arma, mandou que todo mundo botasse a mão na cabeça e eu perguntei o que tava acontecendo... Aí, ele disse: "Mão na cabeça!" "O que tá acontecendo?" Eu já ia rebolar um tamborete nos pés dele e me agarrar com ele, pensando que era um assalto, alguma coisa.

Aí, chegou o Crisóstomo e outro comissário, encostaram as armas na minha cabeça e diziam queeramos Crisóstomo e o Dantas. Eu disse: Rapaz, (*você*) me confundiu com alguém, né não?" "Como é seu nome?" "Paulo Pereira de Moraes" "Vamos aqui no carro... Olha a xerox da sua identidade falsa." "Pois é eu mesmo. Não sou essa pessoa que você quer não, mas esse daí é eu mesmo." Aí, fomos... "Tem armas?" "Tenho." "Quantos revólveres?" "Tenho um revólver."

Galciani – *O senhor tava armado na hora?*

Seu Maia – Desarmado. Lá, eu não usava arma, não.

Galciani – *O senhor se sentiu impotente por isso?*

Seu Maia – Como é que eu vou andar armado numa região que ninguém me conhece?

Galciani – *O que o senhor pensou quando o Dantas e o Crisóstomo lhe prenderam?*

Seu Maia – Eu achei que tanto trabalho que eu tinha feito, tantas coisas, que tudo ia por água abaixo ali. Eu pensei só isso, sabe? Tudo que eu passei, foi tudo água abaixo. Só me veio isso na cabeça.

Galciani – *Foi divulgado na época da sua prisão, que o Crisóstomo tinha dito que no dia que pegasse o senhor, queria desafiá-lo num duelo. Isso é verdade?*

Seu Maia – Não. Se ele disse isso eu não tô sabendo, não. Agora, eu não sei se esses 11 anos que ele passou atrás de mim, se era sério. Porque eu morava na cidade de Jaguaribara,

morei três anos lá. Quando eu cheguei de Jequié, na Bahia, em 84 até 86, eu morava na cidade de Jaguaribara. Quase três anos. E eu andava em todo canto ali, eu tava nas BRs, todo forró... eu tava dentro das festas. E, se ele não ia atrás de mim, se não me achou, era porque era cego. Porque em toda toda feira, eu tava no meio.

Amarilis – *Seu Maia, o que eu acho mais curioso nessa situação é porque o senhor, quando pequeno, sua família tinha que estar armada por causa dos atentados do seu pai, o senhor era perseguido pela polícia e, apesar de o senhor ter dito que num lugar que não conhecia ninguém, não precisava andar armado, eu acho isso estranho porque o senhor sabia que estava sendo procurado. Será que o senhor recebeu algum aviso, alguma coisa ou a sua superstição*

"O Dantas algemou minha esposa, que hoje é só namorada. Ela tava com oito meses de grávida. (...) levou lá pra Secretaria pra dar conta de mim. Aí ela caiu desmaiada."

falhou?

Seu Maia – Se eu tivesse armado lá, eu não tinha vindo (*com os policiais*), pra começar. Naquela hora, eu não teria sido preso, porque tinha várias pessoas e eu podia ter escapulado. Eles não tinham botado em mim, (*se fosse*) só eles três e eu armado. Eles me viram de camiseta e viram que eu tava desarmado. E outra coisa: pra que andar (*armado*) num canto que ninguém me conhece? Isso faz o quê? Chama atenção. Hoje, se você vê uma pessoa armada, você olha com outros olhos aquela pessoa. E a pessoa tando desarmada, todo mundo acha que é um cidadão. E eu... vinculado à Secretaria da Ação Social, pra que eu andar armado ali? Eu só andava armado onde era preciso. Na minha região, eu só andava com dois revólveres.

Galciani – *O que foi que aconteceu depois que o senhor foi preso?*

Seu Maia – Aí eu fiquei em Boa Viagem. Eu fui preso no dia 4 de agosto (*de 88*). Não foi no dia cinco.

Eles disseram no jornal que foi dia cinco. Não, eu fui preso dia quatro, à noite, e eu saí de Boa Viagem no dia 6. Eu passei dois dias lá sem comer, sem beber, pra confessar crimes.

Galciani – *Quais eram os crimes que queriam que o senhor confessasse?*

Seu Maia – De Margarida, da Lagoa Grande (*Margarida Alves, líder rural, morta na Paraíba em 12 de agosto de 83*), do ex-secretário de polícia da Paraíba, Janduir Suassuna que mataram em Catolé do Rocha, de João Terceiro... E eu tô dizendo assim (*só*) os mais importantes. Eu não tenho esses crimes.

Viviane – *Foi nesse período que ameaçaram o senhor de enforçar o senhor com uma calça jeans...*

Seu Maia – Foi, com a minha calça.

Viviane – *... e botaram uma arma na boca de uma mulher que o senhor gostava?*

Seu Maia – Não, o (*delegado*) Dantas algemou minha esposa, que hoje é só namorada. Ela tava com oito meses de grávida. Algemou, levou lá pra Secretaria (*de Segurança Pública*) pra dar conta de mim. Aí ela caiu desmaiada. Aí, o Crisóstomo disse: "Olhe, Dantas, você tá fazendo isso, é contra lei. Se essa menina perder esse menino, você vai ser processado e eu não nem tô aí." Aí, o cara foi saindo, foi tirando a algema dela...

Galciani – *E o senhor confessou os crimes durante os dois dias que ficou sem comer?*

Seu Maia – O crime da Margarida eu não confessei, porque o doutor Crisóstomo chegou e disse: "Olhe, crime de outro estado não interessa. Nós queremos os do nosso estado. Os de lá, cabe à polícia de lá investigar." Saiu na capa da revista *Isto É* (*revista semanal de circulação nacional*) que foi eu quem matou a Margarida. Hoje os matadores de Margarida tão, em João Pessoa (*capital da Paraíba*), presos. O Benício e o Betâneo, dois soldados da polícia. Um motorista de táxi, lá em Campina Grande (*2ª maior cidade da Paraíba*), viu e achou que ia morrer por causa disso. Chamou a mulher e contou. Disse: "Olhe, quem levou os soldados Benício e Betâneo pra matar a Margarida, fui eu. E eu acho que vão me matar. Se me matarem, é o usineiro fulano de tal que tá mandando me matar." E depois o cara apareceu morto em Campina Grande. A mulher denunciou e hoje eles estão presos em Campina Grande. E se não são presos,



Para aliviar a tensão, a produção e o professor foram ao Bar dos Comos, no Mucuripe. Fechado. Próxima parada: Barraca do Louro, na Praia do Futuro. A colega Juliana Galvão foi também.

Noite alta, a equipe de produção "levemente" alcoolizada, resolveu tomar um banho de mar e pedir as bênçãos de Iemanjá para o sucesso da entrevista.



Os participantes desse "sarau etílico" só foram embora, quando acabaram com toda cerveja e caranguejos do lugar. No dia seguinte, a boa notícia: Mainha havia aceitado dar a entrevista!

era eu quem tava respondendo. Veio avião me buscar aqui e o doutor Pompeu de Sousa Brasil (*juíz Eduardo Pompeu, o primeiro a julgar os processos de Idelfonso Maia Cunha*) disse que não me mandava com a escolta de lá, só mandava com a escolta do Ceará e não quiseram. Depois de um ano mandaram de novo e o doutor Pompeu disse que eu não ia. Se tivessem me levado, eu tava respondendo esse crime. O motorista de táxi não ia morrer, porque eu tava ali respondendo.

Amarilis – Hoje, o senhor fala que é amigo do delegado Crisóstomo.

Seu Maia – Sou amigo.

Amarilis – Como foi que surgiu essa amizade?

Seu Maia – Ele é um cabra homem, um cabra homem sem covardia. Se a Secretária (*de Segurança Pública*) tivesse seis delegados da marca dele, tava equipada de polícia, viu? Teve um delegado que era testemunha de acusação do meu primeiro julgamento (*do crime*) do João Terceiro (*07 de abril de 97*), e não compareceu. No outro dia tava na página do jornal (*envolvido*) com cocaína, com roubo de carro, com um bocado de coisa. E quanto delegado não tem envolvido em roubo de carro e cocaína por aí? Agora, a coisa melhor que eu achei na minha vida - não é que o repórter mercesse, não - foi aquele repórter, o Cícero Lúcio, ser preso nas barbas do juiz. (*referência à uma prisão arbitrária da qual o repórter da TV Diário, de Fortaleza, Cícero Lúcio, foi vítima em maio de 99*) Se nas barbas do juiz, dentro de um fórum, com câmera de televisão filmando, acontece um negócio daquele... Me diga, o que é que ele (*o policial que efetuou a prisão*) não faz? A polícia do Ceará é mais comparada a uma polícia que baleia o seu comandante (*refere-se à greve dos policiais militares do Ceará, em julho de 1997, quando, num conflito com os grevistas, o comandante da polícia militar, Coronel Mauro Benevides foi alvejado e levado ao hospital*). Uma polícia dessa tem confiança? Hoje, se a polícia entrar dentro da sua casa pra dar uma geral, é olho na mão da polícia, porque se tiver um cordão de ouro, rouba, se tiver dinheiro, leva. É desse jeito...

Amarilis – Quando o senhor estava no Pará, saiu em um jornal que a polícia do Pará estaria acobertando o senhor junto com o...

Seu Maia – Domingos Rangel. (*empresário, dono da indústria de*

leite Aymorés)

Amarilis – Domingos Rangel. Porque o (delegado) Crisóstomo foi lá e no dia da exposição (no qual estava preparada um armadilha pra Mainha), a polícia local debandou.

Seu Maia – Dia 18 de setembro de 84... (*Mainha se equivoca. Na verdade o ano ao qual ele quer se referir é 87*)

Amarilis – O senhor tinha contato com os policiais de lá?

Seu Maia – Não.

Amarilis – Eles sabiam quem o senhor era?

Seu Maia – Não. Agora, Domingos Rangel era um homem muito forte, lá... e tinha a polícia de lá toda na mão.

Amarilis – Nessa época, quando o senhor fugia das perseguições, o senhor levava sua família junto

"Hoje, se a polícia entrar dentro da sua casa pra dar uma geral, é olho na mão da polícia, porque se tiver um cordão de ouro, rouba, se tiver dinheiro, leva."

ou ela sempre ficava em algum lugar?

Seu Maia – Não, eu tava só, (*D. Masinha, apelido de D. Maria José, mulher de Mainha estava na maternidade para ter seu segundo filho*), eu ia pra Boa Vista, Roráima. Quando ele (*Domingos Rangel*) me viu, disse: "Não, você vai ficar comigo aqui". Eu disse a ele que tavam me perseguindo, que não tava dando certo. Ele disse: "Não, aqui pode deixar, que aqui eles não vêm não." Ai eu fiquei lá. Quando a polícia me descobriu, eu tive um aviso. Eu fiquei sabendo que a polícia tava lá, sabe? Ai eu fiquei...

Amarilis – Quem lhe avisou?

Seu Maia – Um passarinho. (*risos*)

Patrícia – Ô passarinho espetáculo!

Galciani – E o passarinho tem nome?

Seu Maia – Beija-flor. Vai ver que foi o mesmo beija-flor que me avisou que a polícia ia chegar lá na

fazenda. Ai eu comecei a dormir pouco, sabe? Quando a polícia chegou lá, eu tava jogando baralho, buraco... Tomei conhecimento que a polícia vinha atrás de uma Kombi (*Mainha dirigia uma kombi branca distribuindo leite pela região*) que bateu numa criança e atropelou. Quando eles chegaram, eu vi, de longe, à distância. Eles vinham descendo a poucos metros. Ai, depois que tomei conhecimento que era coisa do Ceará, eu não fiquei mais lá. Nem vasculharam casa, ficaram, só rodando a ponte. Não vasculharam nada não.

Viviane – Seu Maia, espalhou-se pelo Nordeste que o senhor é o Rei da Pistolagem, é o Rei do Gatilho, o maior pistoleiro... O senhor responsabiliza a imprensa por essa fama que o senhor recebeu?

Seu Maia – Só. Só. Agora qual o crime que eu respondo por pistolagem? Cadê os mandantes? Porque pistolagem tem que ter mandante.

Arthur – No caso do Iran Nunes existiria...

Seu Maia – Teve não.

Arthur – Não, não tô dizendo que teve. Tô dizendo que existiam denúncias de que, nesse caso, existiria (mandante). O Chiquinho era um homem poderoso e, obviamente, existiam pessoas querendo vingar a morte dele... O senhor teria participado dessa forma.

Seu Maia – A vingança, certo. Mas mandante não teve...

Galciani – Então o senhor nunca matou por dinheiro?

Seu Maia – Dinheiro não me compra, não. Essa dignidade de homem aqui não tem preço, não. Vou logo dizendo a vocês.

Galciani – Certo. O senhor nunca matou por dinheiro, mas se um amigo pedisse pro senhor matar alguém, o senhor mataria?

Seu Maia – Na época que eu vivia? Atrás?

Galciani – Sim.

Seu Maia – Com certeza, se fosse meu amigo eu ia.

Arthur – Mesmo sem saber quem era?

Ricardo Castro – Sem nem saber por quê?

Seu Maia – Se (meu amigo) tava pedindo, era porque devia. Aquela pessoa tava devendo. Uma pessoa não vai pedir pra tirar a vida de outra, se aquela outra não deve. Eu acredito que deve muito.

Arthur – O *Mardônio* (Diógenes, irmão de Chiquinho) ou alguém che-

Na véspera da entrevista, que ocorreu dia 20 de maio, os sintomas eram os mais variados: alguns entrevistadores tiveram insônia, dor de barriga, crises de gastrite e pesadelos.

gou a falar com o senhor a respeito da morte do Iran (Nunes)?

Seu Maia – Olhe, eu vou dizer uma coisa pra você. A morte do Iran não tinha pedido (*de perdão?*) pra mim... Teve gente que pediu muito. Eu disse: "Não peça, não, que é em vão o seu pedido". Eu tô pagando as conseqüências disso, caro, tá entendendo? Mas eu mostrei a ele, antes de eu chegar no outro mundo, que a palavra que eu dei a ele, foi cumprida. Um homem tem que ter palavra. Os homens de hoje fazem um negócio aqui, dão um cheque, mandam cancelar, dizem que perdeu... Pra mim, gente desse tipo, que é doutor e tudo, pra mim não vale nada, não. Homem tem que ter palavra nas coisas. Eu escondido (*Mainha diz enfaticamente*), a polícia atrás de mim, eu comprava cem touros numa fazenda... - hoje, um patrimônio de quê? De 50 mil reais, 60 mil reais. - comprava e não precisava de cheque, nem nada, não. Só com a minha palavra. "Você me dá trinta dias?" "Dou."

Pegava a boiada, levava pra Mossoró (*a segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, fronteira com o Ceará*), apurava... Hoje, você tem que dar cheque, muita coisa e ainda lhe enganam.

Amarilis – No dia seguinte ao da morte do Iran (Nunes), o Walberto (José Walberto Silveira, acusado e inocentado como cúmplice de Mainha no assassinato de Iran) foi preso. Ele denunciou que havia recebido um dinheiro, desviado da prefeitura de Pereiro (Mardônio Diógenes era prefeito de Pereiro nessa época). O senhor sabe pra que serviria esse dinheiro?

Seu Maia – Sim, eu tomei conhecimento que ele tinha pegado esse dinheiro pra comprar umas peças para o carro da prefeitura, tá entendendo? E pra emplacar o carro dele. Mas pra morte de Chiquinho... Eu ia pra casa da minha irmã! Eu não ia matar Iran, não! Eu vim pra matar Iran, mas, naquela hora, eu ia pra casa da minha irmã. Eu não ia matar Iran.

Galciani – Foi por acaso?

Seu Maia – Por acaso. Eu tava parado (*no sinal do cruzamento das avenidas Desembargador Moreira e Santos Dumont*) quando ele chegou.

Galciani – O senhor acha que isso foi coisa do destino?

Seu Maia – Coisa do destino e sorte minha...O Iran ia morrer lá na

Parangaba (*bairro da zona oeste de Fortaleza*), no "João Gotinho". Conhece o "João Gotinho", lá na Parangaba? Uma das casas de jogo mais caras daqui? Ele ia morrer nessa casa de jogo, (*nesse*) cassino que tem aí, perto da Lagoa da Parangaba.

Arthur – Como foi que aconteceu?

Seu Maia – Eu ia pra casa da minha irmã, pra ligar pro Pará, porque eu morava e tinha um frigorífico lá. Tinha chegado há poucos dias e (*ainda*) não tinha entrado em contato com o pessoal de lá. Aí, quando eu tô lá (*no sinal*), parou do meu lado um carro. Quando eu olhei, era Iran (Nunes). Eu disse: "Olha, Walberto, o carro que parou aqui na esquerda é o Iran e eu vou matar ele aqui agora." "Rapaz, 'cê é doído?"; o Walberto disse. Passei do lado dele

"Os homens de hoje
fazem um negócio, dão
um cheque, mandam
cancelar, dizem que
perdeu... Pra mim, gente
desse tipo, que é doutor,
pra mim não vale nada."

e aconteceu, o que aconteceu (*17 de junho de 1982*). Mas, eu não ia matar ele naquela hora, não, andava só com um revólver, só com a carga de um revólver.

Galciani – Que horas eram, mais ou menos?

Seu Maia – Cinco e meia da tarde e tinha muito carro parado nos sinais.

Galciani – E o que foi que aconteceu?

Seu Maia – Um Chevette quis ir pra cima da moto e eu botei o revólver em cima dele: "Isso aqui é problema de família, não se meta.", eu falei. Aí, passei de frente, fui chegando na Desembargador Moreira, a moto passou do lado, eu me monei na moto e a gente saiu.

Amarilis – Pra onde o senhor fugiu depois da morte do Iran (Nunes)?

Seu Maia – Com poucos dias, dia 29, eu fui cercado pela polícia. Houve esse tiroteio (*quando ele pensou em se entregar pra polícia e*

depois mudou de idéia) e eu fui morar no mato, passei uns quatro a cinco meses no mato... Aí, quando as barreiras de polícia acalmaram, eu fui embora pra Jequié, da Bahia. Agora, isso eu não quero mais na minha vida, sabe?

Patrícia – Seu Maia, como é o dia-a-dia dentro de um presídio?

Seu Maia – Ruim. (*passa um tempo em silêncio*) Ruim... (*fala de forma triste*) Pense isso, você tá no (*seu*) apartamento e diz: "Hoje eu vou passar o dia aqui, nesse quarto, não vou sair, não. Porque não quero, mesmo." Você verá como é ruim...Ou então chega uma pessoa, tranca você por fora e você fica preso em seu apartamento. Passe duas horas pra você ver como é ruim tá trancado ali.

Amarilis – Se o senhor pudesse voltar no tempo, o que o senhor escolheria: ter sido preso e estar pagando, ou estar solto e sendo perseguido até hoje?

Seu Maia – Olha, vou dizer uma coisa pra vocês, que vocês não vão achar em jornal nenhum. No dia que eu fui cercado, eu me peguei com meu santo - que é São Francisco e saí daquele cerco e daí pra cá ninguém mais me viu a tirando, não. Desde 83 pra cá, até ontem, eu nunca mais pratiquei crime nenhum. (*Quando*) eu fui preso, tava com cinco anos que eu só trabalhava, sem fazer mais nada de errado. Que isso a imprensa nunca divulgou. Depois de Iran (Nunes) morto, daí pra cá ninguém fala mais em crime meu, não.

Galciani – O senhor tem raiva da imprensa?

Seu Maia – Não... Agora, eles exageraram um bocado. Não foi só a imprensa, não... Agora, eles hoje não fazem mais matéria comigo, não, sabe? Comigo, imprensa não tem mais vez.

Ricardo Sabóia – Seu Maia, o senhor já era conhecido, quando foi pro IPPS (Instituto Penal Paulo Sarasate). Como foi a chegada do senhor, lá?

Seu Maia – A chegada foi três anos trancado direto, com três portas pra ser trancado num quarto...

Galciani – Alguma vez o senhor pensou que iria ser morto?

Seu Maia – Olha, menina, a gente só morre na hora, quem morre de véspera é peru.

Galciani – Mas o senhor tinha medo?

Seu Maia – Não, porque...olhe, corre muita cruzeta no presídio, sa-



Foi combinado entre os alunos que fariam a entrevista que todos sairiam em carreta para o IPPOO para não haver desencontros. O ponto de partida seria a universidade. Todos estavam ansiosos.

No IPPOO, as bolsas foram revistadas e as identidades, chaves e celulares ficaram na portaria. Um soldado proibiu os gravadores, mas o professor explicou que eles eram imprescindíveis.



Os homens foram para a sala da vis-toria. Um soldado entrou e disse para tirarem a roupa. Em seguida, outro falou que não seria necessário, mas o professor já estava sem as calças.

be? Coisa que tá rolando acolá e você não tá nem sabendo. E presídio é barril de pólvora, a gente tinha medo de qualquer hora ser morto.

Galciani – *O senhor sofreu ameaças lá?*

Seu Maia – Não, sofri os atentados.

Viviane – *Porque aconteceram os atentados? Eram os próprios presos que queriam matar o senhor ou era gente de fora?* (Mainha sofreu dois atentados no IPPS. O primeiro aconteceu em 9 de março de 93 e o segundo em 23 de agosto de 96. Ambos foram cometidos por Elcias Fernandes de Souza, o “Boi”, que era barbeiro do presídio. O motivo para estes crimes, teriam sido, segundo o jornal O Povo de 24 de agosto de 96, o envio externo de dinheiro para eliminá-lo.)

Seu Maia – Foi um dinheiro que entrou de uma mulher, sabe? Essa mulher mandou me matar pensando que eu podia fazer alguma coisa contra ela, porque ela matou um parente meu, sabe?

Galciani – *O senhor sabe dizer quem foi?*

Seu Maia – Não, não vou citar, porque quem não devia foi me perguntar e (como) eu quero dar isso por acabado, eu disse que não dizia, sabe? Os irmãos dele (do parente morto) ficaram putos comigo, dizendo que foi eu que levei o irmão deles pra matarem. Eu tava com uma roça e com umas vacas no Maranhão, morando no Maranhão e o doutor Pedro Novaes, que é o prefeito de Pinheiro, no Maranhão, pra quem eu corria, foi e disse: “Paulo, pode ficar com esse dinheiro aí pra lhe ajudar.”

Meu nome lá era Paulo. Então, eu telefonei pro Ceará e comprei um cavalo por 250 cruzeiros na época. Liguei pra cá, fiz o negócio e transferei o dinheiro pra conta de uma irmã minha. Ela foi lá, comprou e com umas duas semanas eu vim buscar o cavalo, aqui no Ceará. Esse rapaz, esse meu parente (que morreu), disse: “Antônio, você vai pro Maranhão por onde?” “Rapaz, eu vou pelo Quixadá, que eu indo por aí só vou pegar cancela rodoviária na serra de Piripiri no Piauí.”, eu disse. Eu ia desviando das cancelas, sabe? “Rapaz, amanhã de madrugada eu vou fazer um pagamento lá na fazenda...Eu podia ir com você? Eu desço no triângulo que vai pra Morada Nova (município do Vale do Jaguaribe – centro sul, a 163 km de Fortaleza) e vou com você.” “Então

bora.”

Aí, eu toco...Eu fui embora pro Maranhão e ele foi fazer o pagamento na fazenda. Na volta, ele foi pra uma festa, chegou num restaurante uma pra duas horas da manhã e foi tomar uma janta. E a gente sabe que uma, duas horas da manhã (a comida em) um restaurante do interior tá fria. Ele pediu uma cerveja e depois disse que não ia pagar a janta, porque tava fria. E ele respondia já a bem dois crimes, tá entendendo? Quando montou na moto, que ia sair, voltou e disse: “Eu vou pagar que eu não sou de dever nada a ninguém.”

Aí quando meteu a mão no bolso, a mulher passou-lhe fogo! Pensou que ele ia puxar o revólver, porque ele vivia armado de revólver e aí, matou. A mulher ficou mordida

Ferreira Gomes e Manoel Duca da Silveira Neto, primos da vítima e, respectivamente deputados federal e estadual pelo PSDB, foram indicados como co-autores do crime. O caso Colméia, como é conhecido em Fortaleza, é o assassinato de Ronaldo Castro Barbosa, diretor e proprietário da Construtora Colméia, em 06 de junho de 95. Francisco Xavier Feitosa e João Wabner da Silva são os acusados de terem dado dois tiros na cabeça de Ronaldo quando ele saía da sede da empresa. O procurador do INSS ao qual Mainha se refere é Antônio Rivaldo do Nascimento, morto com cinco tiros em 31 de julho de 95, ao sair de uma recepção de casamento na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, situada na Av. 13 de Maio, no Bairro de Fátima.)

Galciani – *Seu nome é doce, mas o senhor sabe de alguém que se aproveitou dele?*

Seu Maia – Alguém se aproveitou. Eu não vou citar porque vocês tão sabendo. Vocês perguntam mas vocês estão sabendo...

Galciani – *Essa pessoa se aproveitou do nome do senhor pra fazer fama?*

Seu Maia – Fama, exatamente. Porque saía e entrava secretário (ele se refere aqui à Secretaria de Segurança Pública) e a imprensa cobrava muito a minha prisão. Aí, quando o governador Tasso (Jereissati) entrou e nomeou que queria a minha prisão e de vários pistoleiros, a gente foi preso e certa gente cresceu com isso.

Ricardo Sabóia – *Seria o Moroni Torgan?*

Seu Maia – Vocês que tão dizendo aí. Eu não tô dizendo nada. (risos) Ele fez o papel dele. Agora, eu acho que ele hoje tem raiva de mim, porque numa entrevista eu chamei ele de mentiroso. Ele me acusou de 89 crimes, eu respondi a oito processos, me saí de seis e tô pagando dois, sabe? Aí, os 89 eu quero saber: onde foi esse pessoal que eu matei? Porque 89 pessoas são dois ônibus lotados de gente. Onde foi que eu matei?

Viviane – *Ele tem raiva do senhor. E o senhor tem raiva dele?*

Seu Maia – Eu não tenho, não. Ele fez o trabalho dele, eu tava errado, tá entendendo? Eu teria raiva dele se ele tivesse mandado alguém me açoitarem. Eu não tenho motivo de ter raiva dele, não. Agora, o que eu acho que ele exagerou nas notícias.

Arthur – *Como é que os outros*

"(...) se eu tivesse solto, esse crime de Acaraú, Colméia, esse procurador aí, esse bocado de crime, tudo era eu! Tá entendendo? Porque meu nome é doce."

comigo, pensa que eu vou vingar a morte dele, e os irmãos, do outro lado, putos comigo dizendo que eu levei o outro pra matarem. Arrumei intriga dos dois lados sem ter nada a ver com o caso. (fala fazendo os gestos de quem está lavando as mãos)

Arthur – *Quando mataram o dono da construtora Colméia, houve uma acusação de que o senhor, dentro do presídio, teria intermediado esta morte. Isso é verdade?*

Seu Maia – Não! E se eu tivesse solto, esse crime de Acaraú, Colméia, esse procurador aí, esse bocado de crime, tudo era eu! Tá entendendo? Porque meu nome é doce. (Mainha se refere a três crimes que ocorreram em Fortaleza durante o período no qual ele já se encontrava no presídio. O crime de Acaraú citado por Mainha se trata do assassinato do ex-prefeito deste município, situado a 235 km de Fortaleza. João Jaime Ferreira Gomes Filho foi assassinado em 08 de maio de 98 com um tiro no rosto em seu escritório no bairro da Aldeota. Anibal

Mainha já esperava sentado ao lado da sala da OAB. Ele usava calça jeans, camiseta, boné e segurava uma agenda. Também estava perfumadíssimo. Amarilis apresentou-o aos demais.

presos vêem o senhor? Eles têm medo?

Seu Maia – Não, têm respeito. Em cadeia ninguém tem medo de ninguém. Agora, eu não me entroso com ninguém, né? Vivo mais no meu canto, ando pouco na cadeia.

Viviane – *O senhor vive numa cela, isolado?*

Seu Maia – Não, sou liberado por todo canto aqui. Agora, eu passo mais o dia trabalhando, fazendo artesanato, né?

Ricardo Sabóia – *O senhor tem amigos aqui?*

Seu Maia – Amigos, não. Eu tenho amizade. Amigo ninguém tem, não. A gente grita, o outro não ouve. A você, que é um rapaz novo, eu aviso que a gente tem pouco amigo. Seu amigo é seu pai e sua mãe, (são) os maiores amigos seus.

Patrícia – *Seu Maia, como os presos são tratados pelos policiais aqui no presídio?*

Seu Maia – Quando entra em rebelião, aí uns pagam por todos.

Viviane – *O senhor já vivenciou alguma rebelião?*

Seu Maia – Muitas... Na do Dom Aloísio Lorscheider (atual arcebispo de Aparecida do Norte, em São Paulo e ex-arcebispo de Fortaleza), eu tava lá presente. (Mainha se refere à rebelião ocorrida em 15 de março de 94, no Instituto Penal Paulo Sarasate, a maior penitenciária do Ceará. Nessa ocasião, dez detentos fizeram 15 reféns, entre eles o Cardeal Arcebispo Dom Aloísio Lorscheider. Os detentos liderados pelo assaltante de bancos, Antônio Carlos Sousa, o Carioca, fugiram do presídio em um carro-forte. Após soltarem os reféns, houve tiroteio com a polícia, dois presos foram mortos e o restante recapturado.)

Galciani – *O senhor participou dessa rebelião?*

Seu Maia – Eu não participo de rebelião, não, sabe? Eu participei em ajudar a quem tava necessitando. Eu ajudei repórteres e gente dos Direitos Humanos que estavam lá. Mas na minha cela, porque lá ficava todo mundo acampado, não tinha portão. Aí depois veio a polícia e levou o pessoal, a imprensa, aquela (jornalista) Adriana Sabóia e outras mais...E eu fazendo garapa de açúcar pra uma e pra outra, tá entendendo? Eu já encarei algumas rebeliões, mas sempre eu tô fora.

Amarílis – *Em tese, uma prisão não é para castigar os presos e, sim, pra reeducá-los e reintegrá-los à sociedade. Foi feito algum trabalho*

desse tipo com o senhor?

Seu Maia – Não, não. Entre os presos, só se recuperam aqueles que se recuperariam lá fora. Na cadeia ficam pior. Eu não conhecia o que era cocaína, não conhecia o que era droga, e hoje eu vejo o que é cocaína e droga. Vim ver lá no presídio o que eu não conhecia. (referência ao Instituto Penal Paulo Sarasate - IPPS)

Galciani – *O senhor vê pessoas comprando drogas aqui (no IPPOO)?*

Seu Maia – Aqui eu não vi, não. Mas lá no outro (IPPS), eu vi muito. Agora, eu nunca fiz foi usar, sabe? Ripinol (*Rohypnol*), aranha (referência a medicamentos controlados), tá entendendo? Por exemplo, é difícil um bêbado ter contato com você, conversar com você... Você não tem argumento, tem? Você

"(...) quando o governador Tasso entrou e nomeou que queria a minha prisão e de vários pistoleiros, a gente foi preso e certa gente cresceu com isso "

tudo bom aí e um bêbado? Não tem. Pra um cara bom, que não usa nada, é ruim a convivência com gente drogada. E é a minoria que não usa.

Amarílis – *Qual a diferença do IPPS pro IPPOO (Instituto Penal Professor Olavo Oliveira)?*

Seu Maia – A diferença do IPPS pro IPPOO... Do IPPS pra cá é como daqui pra liberdade, tá entendendo? Diferença do IPPS pro IPOO é que quem tá no IPPOO vai pra liberdade, a mesma coisa.

Viviane – *Os direitos humanos são respeitados dentro da prisão?*

Seu Maia – (Mainha entende por direitos humanos as pessoas que fazem parte da Comissão de Direitos Humanos do Estado do Ceará, que freqüentam os presídios.) Eu acredito que seja, agora, o preso não é respeitado, porque não é uma pessoa. Entre os policiais tem um bom, mas tem três que estão com o revólver na barriga, meio revoltados e aí têm oportunidade pra humilhar uma pessoa. Não é a polícia, são uns membros da polícia. Se eu fosse fa-

lar em polícia, era a corporação toda. E não é. Tem gente boa na polícia.

Viviane – *O senhor já sofreu humilhação?*

Seu Maia – Aqui não, no IPPS. Um tenente, um sub-comandante da polícia de lá.

Ricardo Castro – *O que ele fez?*

Seu Maia – Ele e a polícia do GATE (*Grupo Armado de Operações Táticas Especiais da Polícia Militar*) enfiaram metralhadora na minha boca e me disseram o diabo lá. Eu fui ao juiz, denunciei eles e o juiz tirou eles de lá. E houve outros atritos, sabe? A doutora Sandra (*Dond*), hoje atual Secretária (*de Justiça do Estado do Ceará*), tava do meu lado, era minha advogada nessa época. Veio uma ordem do juiz pra eu passar meia hora lá em casa, pra tomar de conta e dar uma

organizada num comércio que eu tinha. A confusão do GATE tinha acontecido há uns três dias e eu tinha denunciado o que ele (referência ao tenente Gilberto, que, segundo Mainha, o humilhou na operação do GATE) tinha feito comigo ele ao coronel Gonzaga. O Coronel Gonzaga chamou ele, disse umas coisas e ele ficou puto comigo. Aí quando veio a ordem do juiz, um "passarinho" deles me disse que quem ia me levando, de escolta pra casa, era o tenente Gilberto, que hoje é major ou capitão. Aí eu fui, lá em cima e disse: "Coronel,

eu tô sabendo que quem vai comigo é o tenente Gilberto. E com o Gilberto pode cancelar, porque eu não vou, não." "Mas é a escolta, só." "Não é, não. Quem vai é ele. Tomei conhecimento neste instante, me disseram." Um próprio membro da polícia me disse, sabe? "E eu não vou, não. Não vou porque ele vai dar um tiro nas minhas costas, dizer que eu tentei correr e eu não vou com ele."

Deixe que tinha entrado um sargento e eu perguntei se o tenente tava aí, sabe? Aí o sargento avisou o tenente que eu tava perguntando por ele. Quando eu vou descendo com o ofício, vem o capitão e mais três tenentes: "Bora." Tomou o ofício do sargento, e disse: "Bora, Mainha, ali mais eu." "Bora.", eu disse. Foram os quatro na frente e eu atrás. Subimos. Chegamos no comando lá da direção e o capitão Bastos disse: "Coronel, o Mainha tá se informando aqui do sargento se o Gilberto taí. Que que ele quer saber da vida de Gilberto? Do tenente Gilberto?"



A entrevista teve início às 14h10 e durou até às 15h45. Na primeira meia hora, o clima era de muita tensão. Mas depois Mainha e os entrevistadores até trocaram boas risadas.

Mainha ao responder às perguntas olhava firme para o rosto dos entrevistadores, que ficaram surpresos com a sua memória prodigiosa ao lembrar datas e detalhes dos fatos.



Ao fim da entrevista, Mainha reiterou o pedido para que a imprensa não tivesse acesso ao conteúdo da revista e despediu-se de todos com um forte aperto de mãos.

“Não, ele veio aqui e tá sabendo que vai ser escoltado por ele. Ele disse que com ele não vai.” Aí o Gilberto disse: “Por que você não vai comigo?” “Você é covarde. Eu não vou com você porque você é covarde.” Ele partiu pra querer dar em mim e a doutora Sandra se meteu na frente e disse: “Olhe, aqui você não bate nele, não.” Aí eu disse: “Você bate em mim, sabe por quê? Porque você é covarde. Quando ia officio pra você ir atrás de me prender lá fora, você ia pedir atestado médico que tava com dor de barriga e agora quer dar em mim! Você é covarde! Você quer me matar e dizer que eu tentei fugir, viu? E com você eu não vou, não.” Aí foi o maior rebuliço lá. Ele andou me ameaçando lá, sabe. Denunciei ele pro juiz.

Arthur – *Seu Maia, nesses 11 anos que o senhor está preso, obviamente, o senhor não pôde trabalhar, mas teve vários julgamentos, vários tribunais...*

Seu Maia – Quem foi que disse que eu não trabalho!? (*indignado*)

Arthur – *Eu tô falando da questão financeira. Em todos os processos, o senhor foi defendido por advogados de renome, que custam dinheiro. Como é que esses advogados foram pagos?*

Seu Maia – Doutor, olhe, (*pra pagar*) os primeiros advogados eu tinha. Quando fui preso, eu tinha 150 cabeças de gado, tinha uma (*caminhonete*) F-1000, tinha duas motos, eu tinha bens... Tinha meus cavalos, carro novo que ganhei em rodeio e foi tudo de água abaixo. Hoje, tenho três advogados, não pago um tostão a eles. É um primo meu, José Wellington Diógenes (*advogado de Mainha no último julgamento*) que tá bancando os outros, porque eles só trabalham em equipe, ele e os dois de Mossoró: Doutor Paulo Afonso (*Linhares*) e doutor Zé Luís (*José Luís Lima*). Zé Wellington banca todos.

Gustavo – *Como foram adquiridos esses bens que o senhor tinha? Foi no trabalho com comércio?*

Seu Maia – Foi com trabalho, com trabalho.

Patrícia – *Seu Maia, o senhor tem algum medo hoje?*

Seu Maia – Esse bicho, que se chama medo não mora em cima de mim.

Amarilis – *E o medo de apanhar?*

Seu Maia – Não, eu sou cisma- de apanhar. De apanhar eu te-

nho cisma. Porque dói. Apanhar dói, sabe?

Amarilis – *O senhor é supersticioso, né?*

Seu Maia – Sim.

Amarilis – *O senhor nunca pensou que as pessoas que o senhor assasinou pudessem vir puxar seu pé de noite, não?*

Seu Maia – De onde eles estão, não dá mais.

Galciani – *Seu Maia, o senhor deu um tiro na cabeça de um primo, enterrou e depois soube que ele tava vivo. O senhor não teve medo, não?*

Seu Maia – Diga aí, qual? O meu primo lá do Pará? (*meio áspero*)

Patrícia – *É, o Francisco Granja, lá do Pará.*

Galciani – *Isso é verdade?*

Seu Maia – Do tiro na cabeça, é

“Você bate em mim, sabe por quê? Porque você é covarde. Quando ia officio pra você ir atrás de me prender (...) você ia pedir atestado médico que tava com dor de barriga (...)”

verdade. (*A marca registrada de Mainha era matar as pessoas com um único tiro na cabeça*)

Galciani – *E o senhor teve medo?*

Seu Maia – Não, que ele ficou foi bom de uma dor de cabeça que tinha! Ele não morreu, não, escapou. Eu fiz foi curar ele, porque ele tinha dor de cabeça. Ficou foi bom.

Amarilis – *E por que é que o senhor deu esse tiro na cabeça dele?*

Seu Maia – Ele roubou um gado meu. E aqui no Ceará, eu já andava atrás dele, já. É porque não deu certo eu pegar ele, tá entendendo? Mas eu andei muito atrás dele. Ele foi comprar um gado meu, não tinha o gado que ele queria. Aí, ele viu um gado melhor que eu tinha lá no pasto, carregou, e matou em Icó (*município do Vale do Jaguaribe – centro-sul, a 375 km de Fortaleza*). Eu, como não podia denunciar ele a polícia, disse: “Vou resolver meu problema.”

Viviane – *Seu Maia, qual a primeira coisa que o senhor pensa em fazer quando sair da cadeia?*

Seu Maia – Sair... A primeira coisa que eu penso é em ir pra minha casa. Ali, na BR, na entrada de Itaitinga (*distrito do município de Pacatuba, na região metropolitana de Fortaleza, a 19 km*).

Galciani – *E o senhor tem planos de se casar, não é?*

Seu Maia – Antes de sair do presídio eu caso, dou esse presente a minha mulher. Nunca casei, não, sabe? Sou rapaz velho, não tive tempo, mas vou dar esse presente a ela...

Amarilis – *Na entrevista o senhor falou que não ia citar certos nomes, certos fatos. No livro que o senhor pretende escrever, isso vai ser citado? (Na pré-entrevista Mainha falou que está escrevendo um livro sobre a sua vida.)*

Seu Maia – Vou citar tudo. Vai haver tudo.

Patrícia – *O senhor não tem medo de angariar novos inimigos fazendo isso?*

Viviane – *E até de morrer?*

Seu Maia – Um a mais, um a menos não faz diferença. E morrer, um dia eu vou, não vou? Todos nós morremos.

Amarilis – *E matar?*

Seu Maia – Matar... eu não penso mais nisso, não. Agora, se vierem me matar, aí não sei... O que é que vai haver, se eu vou correr, eu não sei. O dia de manhã não pertence ao de hoje. Agora, eu peço muito a Deus pra nada disso passar na minha cabeça, tanto que eu quero sair do Ceará, vou embora pra outro canto, tá entendendo?

Viviane – *O senhor teme pela vida de seus filhos?*

Seu Maia – Temo, quem não teme?

Ricardo Castro – *Numa entrevista que o senhor deu ao jornal O Povo, em agosto de 88, perguntaram se o senhor se considerava um bom exemplo. O senhor não quis responder na época. E hoje?*

Seu Maia – Sou, um bom exemplo. Meu filho foi o primeiro lugar (*no vestibular*) da Federal (*Universidade Federal do Ceará – UFC*). Concorreu com filho de desembargador e foi o primeiro lugar em agronomia... E o exemplo foi meu, porque todos os meses eu arriscava minha vida pra ir levar pra eles o dinheiro pra pagar colégio e tudo. Eu arriscava minha vida por eles, pra dar conforto a eles. Agora, isso não não saiu em jornal. Isso foi um exemplo, porque é uma coisa boa, de destaque. Se fosse uma coisa ru-

Atendendo a essa e a outras reivindicações futuras, pela primeira vez, a Entrevista tem uma cláusula que proíbe a reprodução parcial ou integral das entrevistas sem autorização prévia.

im, no outro dia tava em todo jornal. Ele (*o mais velho, Cândido*) e a irmã dele foram criados lá em casa, onde que eu tinha muita arma e eles nunca pegaram num arma. (*O Cândido*) não quer saber de cavalo, só de estudo e de televisão. Ele foi criado vendo arma, se fosse criação... Agora, por outro lado, eu também ensinava muito a ele: pra não pegar naquilo, porque era perigoso; que fosse estudar. Eu dava muito conselho a eles.

Galciani – *O senhor era um pai rígido? Que cobrava, que dava castigo?*

Amarílis – *O senhor dava peia neles? (No vocabulário nordestino, "dar peia" significa bater)*

Seu Maia – Não. Não bato em filho meu, não. Agora dar conselho, eu dou... Que não vai pra um lugar, porque fez isso de errado, eu digo, tá entendendo?

Amarílis – *E daqui, de dentro da prisão o senhor consegue intervir na vida deles se, por exemplo, um deles tirar nota baixa na escola?*

Seu Maia – Com esse mais velho nunca precisou, porque ele nunca tirou nota baixa. Agora com os outros menores, que não têm muita convivência, eu sou rígido com eles. As duas vezes que (*um deles*) não passou, não foi pra casa do avô. Porque ele é doído pra ir pra fazenda do avô, sabe? Não foi. Só vai se passar. Eu cobro muito isso deles, sabe? Porque peia (*surra*), não adianta.

Arthur – *O senhor teme que eles caiam na mesma vida que o senhor teve?*

Seu Maia – Eu peço muito a Deus pra não acontecer. Eu peço muito a eles que estudem.

Viviane – *Seu Maia, o senhor quando foi preso tinha três mulheres (Maria Albertina, Maria José e Tânia Maria). O senhor as ajudou financeiramente? Como é que eles sobrevivem?*

Seu Maia – Eu? Ajudo não porque as condições são poucas. Não dá nem pra ajudar os daqui. A primeira (*referência à Maria Albertina Silva, primeira mulher de Mainha, com quem ele teve três filhos*) veio botar a faca no meu peito e disse: "Se a fulana andar aqui, não venho mais." "Pois você vem se quiser, que eu não deixo nenhuma não. Se quiser vir cedo, me avise que eu digo pra elas não virem." "Ái, precisa avisar?" "Precisa, (*porque*) tem outras. Você avise que elas não vêm. Agora não avisando, você encontra

outra." Aí vinha e encontrava. "Volte pra trás, (*porque*) você não avisou."

Amarílis – *O senhor falou que não é ciumento, mas e se elas tivessem outro? Como o senhor reagiria? Continuava com elas?*

Seu Maia – O outro que tivesse ela, que assumisse o caso com ela. Comigo não vivia, não. Uma só porque foi pras festas, não vive mais comigo.

Galciani – *Então o senhor é ciumento.*

Seu Maia – Não. Olhe, eu preso, o que ela tem tá andando em festa, dançando em festa se eu tô preso aqui? Eu sofrendo aqui e ela andando em festa? O que é que ela quer? É namoro, né, não? (*risos*) Eu já disse: "ciúme é dizer coisa que não existe." Agora, quando tá existindo

"Eu devo a Ele. Eu fiz muito... Eu tenho certeza fiz coisas que magoaram Ele. Deus não quer mal pra nenhum filho Dele. Todo mundo é irmão, amigo do outro, né?"

não é ciúme, não. Minha mulher trabalha em barraca de vaquejada. Acredita nisso? Pra me ajudar a sobreviver. Eu não tenho ciúme e nem mando ninguém pastorar (*vigiar*) se ela tá dançando.

Ricardo Castro – *O senhor vai casar com a Tânia, mas continuar com as outras duas?*

Seu Maia – Não, com as outras duas eu não vivo mais, não.

Ricardo Castro – *Só é a Tânia mesmo?*

Seu Maia – Só. (*risos, porque Mainha se expressa de forma marota*)

Viviane – *O senhor, como católico, acredita que vai pagar pelos seus crimes na lei de Deus?*

Seu Maia – Eu já tô pagando.

Arthur – *O senhor tem medo de ir pro inferno?*

Seu Maia – O inferno é aqui na Terra. Não tem outro, não.

Patrícia – *O senhor acha que Deus compreende os motivos dos crimes que o senhor cometeu?*

Seu Maia – Olha, menina, isso

quem diz é o dia do julgamento (*Dia do Juízo Final*). Ele diz, no "Creio em Deus Pai" (*Credo*), que vai vir à terra julgar os vivos e os mortos. Aí no julgamento, eu acredito que Ele vai fazer justiça.

Galciani – *O senhor teme essa justiça?*

Seu Maia – (*pausa*) ...Eu devo a Ele. Eu fiz muito... Eu tenho certeza fiz coisas que magoaram Ele. Deus não quer mal pra nenhum filho Dele. Todo mundo é irmão, amigo do outro, né? Mas tem coisa que no momento, o cara não pensa.

Patrícia – *Seu Maia, o senhor se sente em paz com sua consciência?*

Seu Maia – Eu sinto... (*pausa*) Não sei... Não, em paz, não. Tô dizendo que eu fiz coisa errada, certo? Pra Deus é errado demais.

Patrícia – *E pro senhor? Pra sua consciência?*

Seu Maia – Olha, no caso, você vai morrer... Quer a sua morte ou de outro? Eu vou lhe matar, se você puder se defender, você vai se defender, não vai? Pronto. A resposta tá aí. Agora, não tá certo, porque ninguém pode fazer justiça. Agora, no meu caso, não houve justiça que fizeram com os meus, não. Ainda hoje não tem justiça. Eu pergunto toda hora: "Cadê o Edilson? (*irmão de Iran Nunes, acusado de matar Chiquinho Diógenes*) Tá indiciado?"

Amarílis – *Seu Maia, além da liberdade, de que o senhor mais sente falta de estar lá fora?*

Seu Maia – Olha, menina, eu dizia de primeiro que a coisa melhor do mundo era saúde e dinheiro. Hoje, eu acho que dinheiro é terceiro lugar. São a saúde e a liberdade, as duas melhores coisas do mundo. Você ser uma pessoa liberta é tão bom... Você dormir em todo canto, se encostar em todo canto, andar em todo canto, sabe que não deve nada a ninguém. É bom demais!

Galciani – *O que o senhor tem mais saudade do mundo lá de fora?*

Seu Maia – Das vaquejadas.

Patrícia – *O senhor pretende voltar a correr em vaquejada?*

Seu Maia – Hoje eu não posso, porque a pessoa que depende da justiça, não pode tá exercendo. Quem quer cumprir, passa a ser criança. Eu quero cumprir com a justiça até o último dia que eu devo a ela, sabe?

Viviane – *O senhor acha que vai conseguir ser feliz depois que sair daqui?*

Seu Maia – Vou. Eu ainda não



Iniciou-se, então, o árduo processo de edição. A entrevista do Mainha bateu todos os recordes em número de perguntas, desde o primeiro exemplar. Foram 318 interferências no total.

Além do excessivo número de perguntas, a acústica da sala onde se realizou a entrevista, a dicção de Mainha e seu vocabulário regional dificultaram imensamente a transcrição das fitas.



Durante duas semanas, a produção passou a "respirar" Mainha. O quartel-general foi a casa da Patrícia, a melhor "intérprete" dele. Felizmente, a comida da Dalça é excelente.

Durante a edição foram feitos novos contatos com Mainha e seu advogado para conferir alguns fatos. A nossa intenção aqui é a completa fidelidade ao discurso de Mainha.

fui feliz na minha vida. Porque fomos criados encheirados (*sitiados*), depois fui andar escondido, passei 14 anos escondido... Construí aqui uma coisa, precisava abandonar tudo, ir embora... Como aconteceu na Bahia, como aconteceu em Jequié, como aconteceu no Pará... (Isso) não vale. Você constrói, constrói, precisa ir embora e perder tudo aquilo... Eu quero é viver em paz, criar minha família, dar educação a eles. Agora, tá difícil, porque a Justiça não quer dar uma chance à minha pessoa.

Amarilis – *Qual a última vez que o senhor chorou?*

Seu Maia – (pausa) ... Quando mataram Chiquinho.

Galciani – *Seu Maia, no cotidiano do presídio existem horas de tristeza e desânimo. O que o senhor tenta pensar quando está nesses momentos? O senhor lembra de alguma coisa?*

Seu Maia – Lembro. Eu me lembro de gente rica, que tem fortunas incalculáveis e que vive em cadeira de rodas, sem desfrutar daquilo, na mão dos outros. Aí eu vejo que a minha vida é melhor do que a deles. Uns que são pobres, passam bem. Outros que têm tudo... Eu conheço empresário aí, que é muito rico, (*mas é*) como aquele da Ferrari, aquele de cadeira de roda, né? (*Aqui, Mainha se equivoca. Na verdade, ele queria se referir à Frank Williams, dono da equipe Williams de Fórmula 1*) Um homem com um fortuna incalculável e numa cadeira de rodas, na mão dos outros. Aqui lá é vida?!

Amarilis – *O senhor falou numa entrevista ao O Povo (10 de novembro de 91) pra quem quer trabalhar, lá fora tá bom. Como é que o senhor acha que vai ser a mudança do Mainha pro Idelfonso, já que o senhor tem uma fama?*

Seu Maia – (*Tenho fama*) aqui, em Fortaleza. Mas vá pra minha região. Lá, o pessoal não me tem nessa conta não. Sabe que eu tenho problema, que eu matei gente, sabe que eu fiz isso... Mas lá sou cabra respeitador, todo mundo gosta de mim. Eu vou com vocês, se vocês quiserem apostar comigo. Nós vamos aqui numa F-1000, num micro-ônibus, pára nessa casa dali e diz: "Fulano, é eu" "Quem?" "O Mainha". Vê se tudo não abre a porta e me abraça? Vamos num ônibus daqui, vamos sair daqui, agora. De noite, de noite, mesmo. Vocês que escolhem as casa em que nós vamos ba-

ter. Vê se eu bato e todo mundo não me abraça, não gosta de mim?

Viviane – *Quando o senhor foi personagem de cordel ficou feliz?*

Seu Maia – Não, eu procurei advogado pra processar aquele camarada, porque ele foi usar o meu nome sem me consultar, sabe? Porque ele disse coisa que eu não fiz. Mentiu e fez um livro que eu não autorizei. Se eu vir esse rapaz, ele vai pegar um processo ainda, sabe? Eu não quero um tostão da indenização. Dou tudo ao advogado, mas eu vou mostrar como é que deve respeitar os outros. Quando uma pessoa (*for*) mexer com outra, (*tem que ser*) com autorização. De primeiro, aconteciam muitas coisas no interior por isso. O cara se metia na vida dos outros, sem saber como é.

Gustavo – *Seu Maia, o senhor*

"Eu quero é viver em paz, criar minha família, dar educação a eles. Agora, tá difícil, porque a Justiça não quer dar uma chance à minha pessoa."

vê alguma ligação ou alguma semelhança entre o senhor e o Lampião, da forma como foi colocado no cordel?

Seu Maia – Não. Informaram uma coisa sobre a minha pessoa que não era verdade. Eu nunca roubei ninguém. Lampião andava nas cidades assaltando, andando atrás de mulher, porque ninguém queria dar aquela mulher pra ele... Eu nunca fiz isso.

Ricardo Castro – *O senhor se considera um justiceiro?*

Seu Maia – Também não. Eu acho que fiz uma coisa que eu tinha vontade de fazer. Pronto. Mas eu não quero mais aquilo pra mim. Não valeu a pena, tá entendendo? Tô pagando um preço alto por causa daquilo. Vou dar uma virada na minha vida pro outro lado, sabe? Ver se dá pra viver em paz, feliz, com a família, num estado longe daqui. Eu não tenho condições de viver feliz aqui, não. Todo mundo que morrer aqui, a polícia vai atrás de mim.

Ricardo Sabóia – *Num estado*

longe daqui? Então o senhor não pensa em voltar pra Jaguaribe?

Seu Maia – Não quero voltar, não.

Patrícia – *E o senhor não vai sentir muita falta da sua terra?*

Seu Maia – Terra boa é aquela onde a gente vive em paz. Aquela é que é terra boa.

Ricardo Sabóia – *O senhor já tem algum lugar em mente pra se mudar?*

Seu Maia – Não, mas eu gosto muito da região Norte, Goiás, São Paulo, Mato Grosso... Gosto muito de acolá, sabe? Onde mexe com gado, porque eu só sei mexer com fazenda.

Amarilis – *Seu Maia, a gente encontrou algumas dificuldades pra conseguir fazer essa entrevista com o senhor, porque o senhor não quer dar entrevista pro Povo nem pro Diário (do Nordeste). E agora, que a gente tá terminando a entrevista, o que isso significou pro senhor?*

Seu Maia – Bom, agora vocês viram o outro lado. Eu só digo uma coisa a vocês: quando me chamarem de mentiroso digam: "Mostrem uma arma com a qual ele matou por pistolagem. Ele pode ter matado gente, mas pistoleiro não foi." Eu nunca matei por dinheiro. Se algum dia eu matei por dinheiro, amanhã quero meus três filhos mortos na BR, por uma carreta. Às vezes, eu digo em nome de meus filhos pra pessoa acreditar em mim, não achar que eu tô mentindo.

Galciani – *No dia em que o senhor morrer e as pessoas começarem a falar a história de Idelfonso Maia Cunha, como é que o senhor quer que as pessoas falem?*

Seu Maia – Depois de morto, a minha vida não interessa. Depois de morto, não tem sentido. A não ser que saia muita lenda, conversa que não é verdade, gente que diz ser gente minha, sem ser... Apareceram uns cinco filhos meus aí, dizendo que é filho meu sem ser. Lá encostado de casa tem uma moça que diz que é filha minha e não é. Eu tenho certeza que não é, porque a gente sabe com quem andou, com quem não andou. É possível que eu vá andar com uma mulher e não saber o nome dela? Não é. Tem muita conversa: diz que é primo meu sem ser, gente que diz que andava comigo sem andar. Um dia, minha irmã chegou aqui e contou que a empregada dela não sabia que ela é minha irmã e disse que era minha prima. A minha irmã disse: "Olhe, você é de onde?" "De Morada

Nova.” “Você conhece?” “Conheço. Pois sou irmão dele, tô indo pra lá agora.”

Tá vendo como são as coisas aí? Andam dizendo que é primo. Pessoas que andam fazendo desordem, dizem que são primo sem ser. Aí, acaba com o nome da gente. É como gente que matava os outros e dizia que tinha sido eu. Cansei de tá lá em casa, com os trabalhadores e meu nome sair naquele Edson Silva (*radialista, que comanda um programa policial*), (*dizendo*) que eu tinha matado fulano de tal. Eu disse: “Vocês tão vendo aí como é as coisas? Tô uma semana aqui com vocês e meu nome saindo em rádio, aí.”

Tá entendendo? É muito fácil,

acusar as pessoas, agora prove. Eu só digo uma coisa: de Limoeiro a Jaguaribe, falem meu nome que vocês são bem recebidos e essa ordem não é minha, não. Morei 18 anos ali, nunca fui na delegacia, nunca perdi um revólver ali. Agora, aconteceu por destino da vida. Isso é questão de destino traçado. Se você tem que passar por uma rua, você passa.

Amarílis – *O senhor gostou da entrevista?*

Seu Maia – Muito. Agora, só peço uma coisa: não dêem à Imprensa essa entrevista. É o que eu lhe peço. Eu fico meio preocupado com isso, sabe por quê? Porque a gente diz uma coisa e botam outra. Aqui, eles nunca chamaram meu nome, só me

chamaram de pistoleiro. Isso me dá uma raiva tão grande, porque eu não sou pistoleiro, meu nome é Idelfonso Maia da Cunha, não é pistoleiro. Mas eles só me citam por pistoleiro. Aí, quando me pedem entrevista, eu não cedo, porque só fazem maltratar a pessoa. Com essa absolvição ficaram todos revoltados, dizendo que foi uma surpresa. Quer dizer que eu já fui condenado?

Amarílis – *E na nossa entrevista, o senhor quer ser chamado de Seu Maia ou pode colocar Mainha?*

Seu Mala – Pode botar Mainha mesmo. Agora, o que eu não quero que bote é pistoleiro.



Agora, depois da *via crucis* da transcrição, da edição, das referências e das correções 1, 2 e 3, pela primeira vez, a imprensa dá voz ao Idelfonso Maia Cunha.